

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

***A MISSIO DEI* E O COMPROMISSO DA IGREJA LOCAL**

WESLEY DE ANDRADE COSTA

SÃO PAULO

2026

WESLEY DE ANDRADE COSTA

A MISSIO DEI E O COMPROMISSO DA IGREJA LOCAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final do curso de Bacharel em
Teologia, da Faculdade Teológica Batista de São
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Públio Carlos de Azevedo

SÃO PAULO

2026

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Wesley de Andrade Costa

***A MISSIO DEI* E O COMPROMISSO DA IGREJA LOCAL**

BANCA EXAMINADORA

SÃO PAULO

2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, e toda a minha peregrinação ao Senhor, Criador dos céus, da terra e tudo o que neles há. A Ele sejam dadas toda a honra, toda a glória e todo o louvor, eternamente. Dedico-o também à minha amada esposa, Cássia, e aos meus filhos, Artur e Júlia.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus trino, que me sustentou durante toda a minha peregrinação, me mostrando o Seu grande amor e graça.

À Faculdade Batista Teológica de São Paulo e a todo o corpo docente, pelos ensinamentos que tanto contribuíram para minha vida.

À minha esposa, Cássia, aos meus filhos, Artur e Júlia, por todo o amor, compreensão, paciência, auxílio e constantes incentivos ao longo dessa caminhada.

Aos meus pais, Ademário e Auzina, e meus irmãos, Wellington e William por todo apoio e auxílio prestados.

Aos meus tios Adão e Carla, por todo apoio durante esse percurso.

Ao meu pastor e amigo, Odalvo Silva Reis, pelos conselhos, auxílio e orações constantes.

RESUMO

O presente trabalho analisa a relação entre a *missio Dei* e o compromisso da igreja local, partindo da compreensão de que a missão tem origem no próprio Deus trino. A pesquisa busca responder ao seguinte problema: como a *missio Dei* pode contribuir para fortalecer o compromisso missionário da igreja local? Fundamenta-se na hipótese de que a compreensão correta da missão como iniciativa divina conduz a igreja a uma atuação mais bíblica, participativa e comprometida com a evangelização, o discipulado, a compaixão e o testemunho cristão. Nesse contexto, o estudo apresenta os fundamentos, a natureza e a participação da igreja na missão de Deus, destacando a relação entre alteridade, cristologia e eclesiologia. Argumenta-se que a missão da igreja consiste em manifestar o amor, a compaixão e a reconciliação revelados em Jesus Cristo, não podendo ser reduzida a uma atividade institucional ou terceirizada a agências missionárias. Por meio de pesquisa bibliográfica baseada em autores da missiologia e da teologia sistemática, conclui-se que a igreja existe para participar ativamente da *missio Dei*, proclamando o evangelho e servindo ao mundo de maneira abrangente.

Palavras-chave: *Missio Dei*. Igreja local. Missão. Evangelização. Eclesiologia.

ABSTRACT

This paper analyzes the relationship between *missio Dei* and the commitment of the local church, starting from the understanding that mission originates in the triune God himself. The research seeks to answer the following question: how can *missio Dei* contribute to strengthening the missionary commitment of the local church? It is based on the hypothesis that a correct understanding of mission as a divine initiative leads the church to a more biblical, participatory, and committed action in evangelism, discipleship, compassion, and Christian witness. In this context, the study presents the foundations, nature, and participation of the church in God's mission, highlighting the relationship between otherness, Christology, and ecclesiology. It argues that the church's mission consists of manifesting the love, compassion, and reconciliation revealed in Jesus Christ, and cannot be reduced to an institutional activity or outsourced to missionary agencies. Through bibliographic research based on authors of missiology and systematic theology, it concludes that the church exists to actively participate in *missio Dei*, proclaiming the gospel and serving the world in a comprehensive way.

Keywords: *Missio Dei*. Local church. Mission. Evangelism. Ecclesiology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. <i>MISSIO DEI</i> : FUNDAMENTOS E NATUREZA	12
1.1 FUNDAMENTOS	13
1.2 NATUREZA	15
2. <i>MISSIO DEI</i> E A IGREJA LOCAL: UMA ANÁLISE À LUZ DA ALTERIDADE, DA CRISTOLOGIA, DA ECLESIOLOGIA E A PARTICIPAÇÃO DA IGREJA NA MISSÃO	16
2.1 ALTERIDADE	17
2.2 CRISTOLOGIA	20
2.3 ECLESIOLOGIA	25
2.4 PARTICIPAÇÃO DA IGREJA NA MISSÃO DE DEUS	28
3. A <i>MISSIO DEI</i> NA PRÁXIS DA IGREJA LOCAL: DA TERCEIRIZAÇÃO DA MISSÃO À PRIMAZIA MISSIONAL	33
3.1 TERCEIRIZAÇÃO DA MISSÃO	34
3.2 A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA LOCAL	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

A missão sempre desempenhou um papel central no cristianismo. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, observa-se que Deus é um Deus missionário, que age na história para cumprir seus propósitos redentores. O ponto culminante dessa ação é o envio de seu Filho ao mundo, com o propósito de reconciliar a humanidade consigo mesmo e restaurar toda a criação afetada pelo pecado. Apartir do século XX, surge o conceito de *missio Dei*, expressão que enfatiza a missão como pertencente ao próprio Deus Trino. Nessa perspectiva, a missão não se origina na igreja, mas em Deus, que envia o Filho ao mundo e, posteriormente, envia a igreja para participar de sua obra redentora. Essa compreensão contribuiu para uma mudança significativa na reflexão missiológica, levando à percepção de que a igreja não possui uma missão própria, mas é chamada a participar da missão de Deus. Dessa forma, a igreja local deve compreender sua identidade não apenas como uma comunidade de adoração, mas também como instrumento de Deus para a realização de seus propósitos no mundo.

A compreensão da *missio Dei* amplia o entendimento da missão para além da evangelização, abrangendo também o discipulado, a compaixão cristã, o testemunho e a proclamação integral do evangelho. Contudo, apesar da relevância desse conceito, muitas igrejas locais ainda parecem não o compreender em sua plenitude. Em diversos contextos, a missão é reduzida ao envio de missionários ou às atividades desenvolvidas por agências e instituições missionárias, enquanto a igreja local limita sua participação ao sustento financeiro dessas organizações. Como consequência, sua atuação direta na missão de Deus torna-se enfraquecida.

A reflexão que deu origem a esta pesquisa surgiu a partir de uma conversa com meu pastor, na qual discutíamos a atuação missionária de nossa igreja em períodos anteriores e a situação atual, em que a igreja poderia estar terceirizando sua participação na missão de Deus. Durante esse diálogo, levantou-se a hipótese de que parte das igrejas locais estaria transferindo sua responsabilidade missionária para agências missionárias, reduzindo seu envolvimento direto na obra de Deus. Essa percepção levou-nos a questionar até que ponto a igreja local tem mantido seu protagonismo na missão divina.

Como resultado dessa reflexão, a igreja da qual sou membro passou a desenvolver ações voltadas ao fortalecimento de seu compromisso missionário. Em 2025, foi retomado o trabalho missional com crianças, anteriormente realizado pela igreja, mas que havia sido descontinuado. Atualmente, esse ministério atende cerca de 60 crianças. Além disso, a juventude da igreja iniciou um projeto de futebol com jovens da comunidade, estabelecendo relacionamentos intencionais com propósito missional, dos quais têm surgido frutos para a glória de Deus. Em fevereiro de 2026, uma nova frente missionária foi iniciada por meio da plantação de uma congregação na zona rural do município, a qual também tem gerado frutos. Essas experiências demonstram, na prática, que uma compreensão mais ampla da *missio Dei* pode contribuir significativamente para o fortalecimento do compromisso missionário da igreja local.

Diante dessa realidade, surge o seguinte problema de pesquisa: como a compreensão da *missio Dei* pode contribuir para o fortalecimento do compromisso missionário da igreja local? A partir dessa problemática, estabelece-se a hipótese de que, quando a missão é compreendida corretamente como iniciativa e obra do próprio Deus, a igreja local tende a desenvolver uma atuação mais bíblica, participativa e comprometida com sua vocação missionária. Nesse contexto, a comunidade cristã não apenas proclama as boas-novas do evangelho, mas também manifesta o amor de Deus por meio do serviço e do cuidado ao próximo.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação entre a *missio Dei* e o compromisso missionário da igreja local. Como objetivos específicos, busca-se: apresentar os fundamentos teológicos da *missio Dei*; analisar a relação entre missão, alteridade, cristologia e eclesiologia; e refletir sobre o papel missional da igreja local por meio da evangelização, do discipulado e da compaixão cristã.

A metodologia utilizada caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada na análise de obras teológicas, missiológicas e eclesiológicas. O estudo dialoga principalmente com autores como David Bosch, Georg Vicedom e Christopher Wright, entre outros estudiosos que contribuíram significativamente para a reflexão sobre missão e igreja. Também foi realizada pesquisa documental por meio da análise de dados estatísticos e relatórios produzidos pela Convenção Batista Brasileira, especialmente informações relacionadas ao crescimento das igrejas e à plantação de novas congregações. Esses dados foram utilizados com a

finalidade de contextualizar a prática missionária batista no cenário brasileiro contemporâneo e contribuir para a compreensão da relação entre a *missio Dei* e o compromisso da igreja local.

O desenvolvimento deste trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro aborda os fundamentos teológicos e a natureza da *missio Dei*. O segundo analisa a relação entre missão, alteridade, cristologia e eclesiologia, e a participação da igreja nessa missão, destacando a atuação da igreja local como expressão da missão divina. O terceiro capítulo apresenta reflexões acerca da prática missionária da igreja local, reafirmando-a como instrumento ordinário de Deus no cumprimento da missão, enfatizando a evangelização, a compaixão e a obediência ao mandato de Cristo como elementos indispensáveis para a atuação da igreja local no mundo contemporâneo.

Por fim, esta pesquisa pretende contribuir para a reflexão teológica e ministerial acerca da identidade missionária da igreja local, reafirmando que a igreja existe porque há uma missão divina em andamento e que sua razão de ser está diretamente ligada à participação ativa na *missio Dei*.

1. **MISSIO DEI: FUNDAMENTOS E NATUREZA**

A compreensão da *missio Dei* constitui um dos eixos centrais da teologia contemporânea da missão. Tal conceito desloca o entendimento tradicional de missão como atividade eclesial para uma perspectiva teocêntrica, na qual a missão é compreendida como iniciativa do próprio Deus. Nesse sentido, a missão não se origina na igreja, mas no ser trinitário de Deus, revelando-se como expressão histórica do seu amor redentor. Por conseguinte, é interessante compreender a definição desse termo, *missio Dei*, que de forma prática é a missão do próprio Deus, em que Ele envia o Seu filho para o mundo (Jo 3.16), com o objetivo de reconciliar a humanidade consigo mesmo, restaurar o relacionamento quebrado pelo pecado, através da morte e ressurreição de Jesus Cristo (Cl 1.20). Missão essa que foi pensada antes da fundação do mundo (Ef 1.4), e que o próprio Deus é dono e participante da Sua missão, que está fundamentada na Trindade, através do Pai, Filho e do Espírito Santo, conforme afirma Bosch, vejamos:

Compreendeu-se a missão como derivada da própria natureza de Deus. Ela foi colocada, pois, no contexto da doutrina da Trindade, não da eclesiologia nem da soteriologia. A doutrina clássica da *missio Dei* como Deus, o Pai, enviando o Filho, e Deus, o Pai e o Filho, enviando o Espírito foi expandida no sentido de incluir ainda outro “movimento”: Pai, Filho e Espírito Santo enviando a igreja para dentro do mundo. (BOSCH, 2021, p.467)

O dinamismo missionário da trindade é um evento singular, que prefigura a ação de Deus e seus atributos transitivos, a saber: Graça, amor, misericórdia, verdade, justiça. É o movimento da relação amorosa de um Deus trino com a humanidade.

Da mesma forma, Vicedom reforça a Trindade na missão:

Deus envia seu Filho, Pai e Filho enviam o Espírito. Com isso ele não apenas se torna o enviado, mas, simultaneamente, o conteúdo do envio, sem que com essa trindade da revelação fosse anulada a consubstancialidade das pessoas divinas. Pois em cada uma das pessoas da divindade Deus age por inteiro. Esse processo do envio intradivino é de eminente importância para a missão e o serviço da igreja. (VICEDOM, 1996, p.17)

A revelação escrita nos apresenta um Deus missional, a fonte de todo envio. Ao longo da história enviou os profetas, o Deus Filho, o Espírito Santo, os apóstolos e, por fim, a própria igreja. Nesse sentido a igreja somente compreenderá a verdadeira magnitude dessa missão quando reconhecer que ela não lhe pertence, mas procede do Deus trino, que a chama e a envia ao mundo (Jo 20.21; Mt 28 19-20).

A missão de Deus indica uma sinergia entre o homem e Deus, pois o homem desenvolve o projeto revelatório, mais também está engajado dentro dessa missão a qual conceituamos de missão evangelizadora.

1.1 FUNDAMENTOS

A compreensão da *missio Dei* parte de uma cronologia missiológica e uma evolução na linguagem e na cultura teológica e missional. Barth nos trouxe um entendimento diferente sobre a missão:

Em um trabalho lido na Conferência Missionária de Brademburgo, em 1932, Karl Barth ([1932] 1957) tornou-se um dos primeiros teólogos a articular a missão como atividade de Deus mesmo. [...] Do início ao fim, a influência de Barth foi crucial. De fato, Barth pode ser visto como o primeiro expoente claro de um novo paradigma teológico que rompeu radicalmente com a abordagem iluminista da teologia (cf. Kung 1987:229). Sua influência no pensamento missionário atingiu o auge na Conferência do CoMI ocorrida em Willingen (1952). Foi lá que a ideia (não o termo) da *missio Dei* emergiu, pela primeira vez, de maneira clara. (BOSCH, 2021, p.467)

Apartir dessa perspectiva, ao compreender a missão como *missio Dei*, a igreja de Deus é conduzida a um novo paradigma missional.

A missão não se origina na igreja, mas no próprio Deus. Essa compreensão rompe com a ideia de missão como um local geográfico ou como atividade secundária da igreja, restrita apenas à escatologia. Pelo contrário, afirma que Deus é o verdadeiro Senhor da missão, atuando no mundo antes mesmo das ações da igreja ou até da sua própria existência. Sendo assim, a missão consiste, fundamentalmente, em participar da ação redentora de Deus na história da humanidade caída pelo pecado. (BOSCH, 2021).

A missão não é apenas uma atividade em meio a várias outras, mas é a própria razão da sua existência. Sua identidade está intimamente ligada à missão. Ser igreja é essencialmente ser missionária. “A igreja tem uma história somente porque Deus lhe conferiu o privilégio de participar da *missio Dei*” (BOSCH, 2021, p.591).

Nesse sentido, Vicedom amplia essa compreensão:

Não cabe à igreja decidir se ela quer fazer missão, mas ela só pode decidir se quer ser igreja. Ela não pode determinar quando e onde será feita missão; pois missão sempre é iniciativa de Deus, como fica evidente sobretudo no livro de Atos dos Apóstolos. Missão como causa de Deus significa que ele reivindica o direito de dispor sobre todos os seus crentes da mesma forma como é seu desejo compartilhar com todos os seres humanos seu amor através de seus crentes. (VICEDOM, 1996, p.16).

Deve-se fazer uma distinção entre missão e missões. Missão, que, de forma prática é a *missio Dei*, refere-se à ação soberana de Deus no mundo, Seu plano redentivo e conciliativo, como ressalta Vicedom:

Portanto, o próprio Deus faz missão. A partir de sua misericórdia, ele se faz o pastor e mensageiro de seu povo que se exaure no engano (Mt 9.36; Mc 6.34). Deus envia o Servo de Deus, em cujas promessas a comunidade de Deus do Antigo Testamento aprendeu que seu Deus é um Deus dos povos. Ele faz sua *missio* por meio de seu Filho, que agora se torna apóstolos, isto é, enviado (Hb 3.1). Nele realiza a salvação destinada aos seres humanos e os chama novamente a sua comunhão. (VICEDOM, 1996, p.44).

Paralelo a isso, Whright afirma:

Logo, quando falo de missão, estou pensando em tudo o que Deus está fazendo em seu grande propósito para toda a criação e em tudo o que ele nos chama a fazermos para cooperar com esse propósito. A palavra “missão”, assim como “ciência”, possui uma amplitude conceitual genérica e a palavra “missional” pode ser tão ampla em significado quanto o termo “ciência”. (WRIGHT, 2012, p.32).

Todavia, missões, diz respeito às diversas atividades que a igreja executa da *missio Dei*, como por exemplo: evangelização, plantação de igrejas, revitalização, entre outros. De acordo com Wright:

Quando me refiro a missões, estou pensando nas inúmeras atividades em que o povo de Deus pode se engajar, participando da missão de Deus. Ao que me parece, há inúmeros tipos de missão, assim como há vários tipos de ciência – na verdade, é provável que haja muito mais tipos de missão. (WRIGHT, 2012, p.32).

Por esse motivo, o termo missionário está relacionado à prática dessa participação. O missionário é alguém que atua na missão de Deus. Essa diferença ajuda a evitar equívocos, como reduzir a missão a atividades específicas da igreja. Toda a igreja, em todo o mundo, é convocada por Cristo (Mt 28.19) a participar da *missio Dei*. Corroborando essa compreensão, Vicedom enfatiza:

Fora dessa *missio Dei* em Jesus Cristo não pode mais existir envios hoje. Tudo que acontece em termos de envio desde sua *missio* partiu dele, está determinado por ele, encerrado em seu envio, é continuação de seu envio por ele mesmo. Tudo que para nós abrange o conteúdo e objetivo do envio é ele. Assim como nós todos nos tornamos semelhantes de Jesus por meio de sua encarnação, e assim como nos tornamos irmãos por meio de sua redenção (Rm 8.29; Hb 2.11), isto é, cidadãos de seu reino, do mesmo modo somos, também como pessoas que ele chamou a seu serviço da Igreja e da missão continua sendo a obra do próprio Deus. (VICEDOM, 1996, p.45).

Com o entendimento da *missio Dei*, ficou claro que, diferente do que era visto, a igreja como sendo oposição ao mundo, ela, na verdade, foi enviada ao mundo, conforme foi expresso nas palavras de Jesus no evangelho de João, “assim como Tu me enviaste ao mundo, também eu os envio ao mundo” (Jo 17.18).

1.2 NATUREZA

Sua natureza está ligada ao movimento do Deus trino: o Deus Pai envia o Filho, e ambos enviam o Espírito Santo; por sua vez, o Deus trino envia a igreja ao mundo. Dessa forma, a missão caracteriza-se como um movimento que parte de Deus para fora, em direção ao outro, com o propósito de comunicar o evangelho. Essa comunicação não ocorre apenas por meio da proclamação da palavra, mas também pelo testemunho de vida que manifesta, de maneira prática, o amor de Deus. Assim, revela-se um modo de viver a fé de forma ativa, relacional e transformadora. (BOSCH, 2021).

Nesse sentido, compreende-se a natureza da missão de Deus como a expressão do seu propósito soberano (At 20. 27), um plano redentor que abrange toda a criação (Ef 1. 9-10; Cl 1. 19-20) e que tem sua origem no próprio coração de Deus. De acordo com Wright:

Qual é a missão do povo de Deus? É na verdade, perguntar: qual é o propósito da existência daqueles que se chamam filhos de Deus? Pra que estamos na terra? [...] a missão surge do coração do próprio Deus e é transmitida de seu coração para o nosso. A missão é o alcance global de um povo global que pertence ao Deus global [...] a história de como Deus, em seu amor soberano, propôs trazer o mundo pecaminoso de sua criação decaída ao mundo redimido de sua nova criação. A missão de Deus é a que se estende sobre a lacuna entre a maldição sobre a terra de Gênesis 3 e o fim da maldição na nova criação de Apocalipse 22. (WRIGHT, 2012 p.30, 31, 56).

Paralelamente, Vicedom aponta que:

O alvo da missão é a proclamação da mensagem a toda a humanidade e sua congregação na Igreja. Em nenhuma parte da escritura, porém, está dito que esse objetivo será atingido. É inerente à natureza da revelação e, consequentemente, da natureza de Deus, que a palavra seja dirigida a toda pessoa. É-lhe oferecida a oportunidade da fé e da redenção. A escritura, todavia, também é suficientemente sóbria para nos deixar claro que apenas parte das pessoas aceitará a mensagem. Como não é possível constatar quem é essa parte, a Igreja é responsável por toda a humanidade. (VICEDOM, 1996, p.75).

Dessa forma, a natureza da missão de Deus consiste na proclamação de sua palavra com um propósito essencialmente redentor, ao mesmo tempo em que Ele chama o seu povo a participar desse grande propósito, constituindo a igreja como comunidade engajada na *missio Dei*.

2. *MISSIO DEI* E A IGREJA LOCAL: UMA ANÁLISE À LUZ DA ALTERIDADE, DA CRISTOLOGIA, DA ECLESIOLOGIA E A PARTICIPAÇÃO DA IGREJA NA MISSÃO

A igreja é o corpo de Jesus Cristo. Uma comunidade formada por pessoas salvas e regeneradas por Cristo. Conforme observamos no novo testamento, a igreja se manifesta em ajuntamentos de crentes, como a igreja de Jerusalém (At 2: 42-47), a igreja que se reunia na casa de Priscila e Aquila (Rm 16.5) e a igreja na casa de Filemon (Fm 1.2).

Assim, igreja não é um prédio, nem sua estrutura física, tampouco um espaço geográfico, mas o ajuntamento dos eleitos, unidos pela fé e chamados para viver em comunhão, adoração e missão, como bem apresenta Chafer:

Quando dentre os judeus os gentios, alguns são chamados para o corpo celestial, a palavra igreja não somente é um termo próprio para ser usado, mas é a palavra que o novo testamento emprega. Que o seu uso é, sob essas circunstâncias, avançado para o propósito mais alto possível, não pode ser duvidado. Pelo chamamento divino, que é eficaz (Rm 8.30), a igreja, como um grupo eleito, está sendo reunida. (CHAFER, 2003, p. 406).

Nesse sentido, Ferreira, um teólogo batista nos apresenta em um manual completo de teologia eclesiástica, pastoral, onde ele sintetiza o conceito de igreja local correlata com o tema acima, a saber:

É uma congregação local, composta de pessoas regeneradas e batizadas que, voluntariamente, se reúne sob a lei de Cristo, e procura estender o reino de Deus não só em suas vidas, mas na dos outros. Cristo é a cabeça e o único chefe supremo. Em matéria de fé e pratica, a igreja se subordina, unicamente, às santas Escrituras. Uma igreja é absolutamente livre e independente, não se sujeitando hierarquicamente, ou de qualquer outra forma, a nenhuma organização denominacional. (FERREIRA, 1995, p.36).

Na proposta de Ferreira, de igreja local, do modo de ser batista é apresentado uma breve definição eclesiológica, dessa forma, a igreja local é não apenas adequada, como eleva o propósito do chamado de um grupo de eleitos reunidos todos aqueles, que, através do sacrifício de Cristo foram reconciliados com Deus.

A igreja local tem uma prerrogativa clara em um eixo vertical bem como em um eixo horizontal, isso fica mais evidente quando correlata com a cultura, a ética e teologicamente. Portanto, a igreja local tende a apresentar respostas relevantes e pertinentes, uma configuração gentileza da generosidade, do acolhimento, hospitalidade numa ambiência clara da alteridade.

2.1 ALTERIDADE¹

O exercício reflexivo no ponto de vista da alteridade perpassa pelo movimento da exata compreensão antropológica, teológica e filosófica para entender a natureza e o valor do homem no seu sentido mais pleno onde os elementos essenciais da sua existência, a saber: a historicidade, a sociabilidade, a eticidade, a linguagem, a sexualidade; esses elementos decodificadores são fundamentais do ponto de vista teológico para a interpretação e compreensão da revelação divina. Na compreensão antropológica e filosófica, esses elementos dão uma dinâmica formadora para toda a compreensão do ponto de vista da ontologia, gnosiologia, epistemologia, ética e estética.

Portanto, os animais não possuem uma história, ou consciência tal como a temos e entendemos. A vida deles se desenvolve num mundo estruturalmente fechado (Alves, 2009). No entanto, o sistema humano é diferente por ter na sua essência historicidade, eticidade, sociabilidade, sexualidade, espiritualidade, dando validade à sua existência, bem como uma consciência racional, acerca dele mesmo, sobre a vida, morte, eternidade, Deus e religião. Desse modo, a religião, é um sistema de conhecimento construído, pelos símbolos que os homens usam em cada cultura (Alves, 2009). Alves (2009), ainda ressalta que os homens têm autonomia de dar nomes e os nomes dão sentido às coisas: alimentos, perfumes, livros, amuletos, lugares, altares, estas coisas para o homem têm relevância e valor.

A relação clara desses elementos decodificadores dão uma sinergia modelar no aspecto da alteridade e da *missio Dei*, partindo do seguinte pressuposto: A relação do homem dentro da história acontece a partir do ato revelatório de Deus para com a humanidade e a natureza. Na mesma perspectiva pensar sobre alteridade e missão sem sociabilidade é inviável. Os contornos da *missio Dei* e da alteridade se firmam na eticidade e moralidade do homem. O desenvolvimento missional fora da linguagem em todos os seus eixos é impossível. Sem linguagem não há comunicação, sem comunicação não há missão. Por fim, idealizar uma via da alteridade e da *missio Dei* sem a compreensão da sexualidade humana se torna limitada, pois a sexualidade

¹ Alteridade designa as qualidades de diferença que projetamos sobre pessoas e grupos sociais aos quais não pertencemos. (COOPER, 2022, p.276). Alteridade envolve reconhecer um “outro” que transcende a subjetividade própria de cada pessoa, grupo ou instituição. Como capacidade humana de se relacionar com realidades, grupos e pessoas diferentes de si mesmo, ela é fundamental para a cooperação inter-religiosa e para os diálogos interfés. (RIBEIRO, 2020, p.15).

humana consiste na procriação, recreação e unificação. Zilles nos ajuda na reverberação correlacional da sexualidade humana numa concepção puramente teológica:

A sexualidade orienta-se para o conjunto da existência humana, exigindo compromisso com o outro, pois um possível efeito da comunidade sexual é o filho. A sexualidade é uma função social de procriação. É uma linguagem sem palavra, a ternura que expressa reconhecimento mútuo, personalização mútua. É eros, não logos. O eros corresponde à existência pré-técnica do homem. É a reciprocidade do dom entre homem e mulher. A sexualidade orienta o homem para o outro: “Não é bom eu o homem esteja só; eu vou dar-lhe uma parceira que lhe seja semelhante” (Gn 2.18). O ser humano singular encontra sua plenitude na complementação dada pelo outro. Essa complementação no amor expressa-se na doação sexual; “Adão conheceu Eva, sua mulher” (Gn 4.1). Segundo a Bíblia, a diferenciação sexual pertence à semelhança do homem com Deus, ou seja, é capaz de amar e ser amado. Enquanto parte da criação, a sexualidade, por um lado, é distinta da divindade e, por outro, caracteriza-se como querida por Deus. (ZILLES, 2011, p.192, p.193).

A percepção correlacional do homem em toda sua dimensão só pode ser compreendida, na sua realidade com o outro, com o universo, com Deus. Portanto é salutar conceituar a auteridade e a *missio Dei* numa estreita linha tênue na complexidade existencial do ser humano. O homem numa perspectiva bíblica teológica, na experiência do gênesis é definido como a imagem e semelhança do seu criador. Nos primeiros capítulos ele é apresentado como homem inocente, ou seja, antes da queda. Posteriormente, pós queda, homem consciente, mais tarde, homem cultural.

Zilles pondera sobre antropologia teológica numa perspectiva cultural e as suas relações complexas na experiência do homem.

A antropologia cultural é descritiva, comparativa, interpretativa e eficiente. É descritiva no sentido de ter por objeto a cultura de um grupo humano, do seu gênero de vida, organização familiar, social, cívica, religiosa, sua tecnologia, sistema econômico etc. É comparativa no sentido de comparar as culturas de várias épocas ou de vários grupos em si, buscando possíveis interações. É interpretativa no sentido de aprofundar ainda mais o conhecimento de um povo, suas motivações de vida. É eficiente no sentido de visar aplicações práticas. (ZILLES, 2011, p.11).

Pensar no homem pós queda, ou seja, linguagem hamartiológica² nos conduz num primeiro momento o homem no éden amparado por Deus, num segundo momento, fora do éden, um homem desamparado e jogado no mundo. Então, o processo divino de cuidado, de busca, ou de solução para o homem consiste inteiramente na *missio Dei*. Por outro lado, o homem tende a construir toda uma cultura para justificar a sua falta ou

² Hamartiologia, formada por duas palavras gregas: ἀμαρτία (hamartia) (pecado) e ‘logos’ (estudo), é o estudo do pecado. Hamartía; essa é a palavra usada com mais frequência para falar de pecado, ocorrendo em suas várias formas cerca de 227 vezes. Quando um escritor queria usar uma palavra inclusiva para designar pecado, usava hamartía. A metáfora por trás dessa palavra é errar o alvo, mas, assim como no Antigo Testamento, não se trata de uma ideia negativa, pois inclui a ideia positiva de atingir algo errado. Quando usada nos Evangelhos, quase sempre ocorre em um contexto que fala de perdão ou de salvação (Mt 1.21; Jo 1.29). (RYRIE, 2012, p.124).

o seu pecado enquanto eleva a sua alteridade relacional na primeira dimensão doméstica, na segunda vizinhança e terceira, o mundo que o cerca.

É pertinente construir uma teologia antropológica numa concepção de *missio Dei* e da alteridade, partindo de uma premissa progressiva, pois quando falamos de homem, falamos também sobre Deus, e quando falamos sobre Deus falamos sobre o homem. Portanto *missio Dei* fala de Deus reconciliando o homem consigo, e a alteridade reverbera na atuação progressiva de Deus em Cristo regenerando um homem segundo a Sua imagem, valores, integridade, propósito, um diálogo totalmente estreito da alteridade renovada na identidade eclesial.

Em consequência disso, a reflexão sobre a alteridade é necessária para entendermos a correlação entre a igreja e a *missio Dei*. Isso porque a missão de Deus não se resume a uma ação unilateral da Igreja, mas se caracteriza como participação no movimento relacional de Deus em direção ao mundo e ao ser humano, obra de suas mãos (Is 64.8; Sl 119.73).

Nessa perspectiva, Ribeiro afirma:

A alteridade, como a possibilidade humana de se relacionar com as realidades, grupos e pessoas diferentes de si mesmo, é elemento fundamental para a cooperação inter-religiosa e para os (→) diálogos interfés. Ela, dentro da tradição judaico-cristã, é permeada de bases bíblicas, mas é advinda dos campos da antropologia e da filosofia. Alter, da origem grega, é o diferente. Portanto, a capacidade de alteridade é reconhecer um “outro” que está além da subjetividade própria de cada pessoa, grupo ou instituição. Autores como Emmanuel Lévinas (2002) e Martin Buber (1987) aprofundaram a temática. Trata-se de uma postura, método ou sistema de ferramentas científicas que permitem redimensionar, em perspectiva, a realidade. Assim, a plausibilidade de um dado sistema (religioso ou cultural) se evidenciaria no convívio com o “outro” e não na confrontação apologética, tentando desqualificá-lo. Desta forma, permite-se uma possibilidade criativa de aproximação e de convívio da qual decorrerá em melhor compreensão do “outro”, que não mais será visto como exótico, como inimigo, como inferior ou como qualquer outra forma de desqualificação (RIBEIRO, 2020, p.15).

Dessa forma, podemos entender a alteridade como a capacidade do homem se relacionar com o outro em sua diferença, abordagem essa que permite compreender a realidade do outro, abrindo caminho para relações respeitadas.

A alteridade na perspectiva da *missio Dei* nos mostra de como a diferença do outro se torna essencial na compreensão da ação divina na vocação para a igreja que é enviada ao mundo; e é essa diferença do outro, que nos permite visualizar a ação de Deus no seu povo para capacita-los a atuar em sua missão (Ef 4.11).

Portanto, alteridade e a *missio Dei* caminham juntas com conceitos comuns e indispensáveis dentro da igreja local: Santificação, justiça, comunhão, unidade,

diversidade, amor, graça, compaixão; essa é a face da alteridade no eixo da horizontalização do eu para o outro. Salvação, redenção, propiciação, adoção e libertação; é a face da *missio Dei* em um caráter puramente vertical da alteridade de Deus para com a humanidade.

Emil Brunner propõe uma reflexão salutar sobre o amor. Amor esse que é o solo onde todas as virtudes são colhidas.

O amor caminha lado a lado com a humanidade; assim pertence à sua natureza preocupar-se mais como a exaltação do outro do que de si mesmo. É o viver-no-outro, portanto está se interessando e partilhando com o outro. Desta maneira a lei da ação não provém do comportamento do outro, mas da atitude de Deus; além do mais entende o outro e quer ser sua companhia em todas as coisas, na alegria e na dor. (BRUNNER, 2020, p.308, 309).

Nessa perspectiva a igreja executa a missão, e, através dela, a *missio Dei* se torna visível (Vicedom, 1996) nas suas funções mais pertinentes: adoração, serviço, ajuda e missões. A alteridade efetiva sua ação numa via paralela com a cristologia, uma abordagem reflexiva da alteridade na obra, pessoa e ministério de Jesus Cristo.

Na eclesiologia, uma resposta eloquente da natureza, administração das ordenanças, exposição da Palavra, dinamismo da compaixão e graça e missões, na atuação primária da igreja local em todos os seus desdobramentos.

2.2 CRISTOLOGIA

Numa leitura sistemática dos “conteúdos de fé”³, na qual destacamos a cristologia como fonte singular no acontecimento da graça visível no esteio da igreja local, justifica-se na obra salvífica e redentora de Jesus, bem como na atuação do Seu ministério e enraizar a *missio Dei*, como resposta da economia divina⁴ na igreja local.

³ Termo comum na teologia sistemática, de acordo com o teólogo batista Strong, nascido em *New York*, EUA, em 1836. Homem de grande vigor intelectual, literato, filósofo e teólogo. Cresceu e se formou dentro da igreja Batista. Sua obra teológica presando por uma reflexão aprofundada, mais que a quantidade, marcou toda uma geração de estudantes no século XX, incluindo os do Brasil, esta obra de teologia sistemática é seu *opus Magnum*. “teologia é a ciência de Deus e das relações entre Deus e o universo”. Os conteúdos de fé contemplam a atualização e relevância teológica e comunitária, a saber: Teologia, bibliologia, teontologia, pneumatologia, cristologia, antropologia, hamartologia, soteriologia, eclesiologia, escatologia.

⁴ A economia divina designa a “lei da casa de Deus” —um conceito que emerge da palavra grega *oikonomia*, que originalmente referia-se à administração doméstica. Mais amplamente, compreende “todos os atos pelos quais Deus se revela e comunica sua vida”, abrangendo tanto a revelação quanto a criação. (HAHN, 2003, p.56-57). Historicamente, os primeiros escritores cristãos pensavam a Trindade em termos da economia de Deus—concebendo o mundo como a casa de Deus e a economia como o modo como Deus “gerencia” o mundo, descrevendo a forma como Deus estava envolvido com seu mundo na história.

A compreensão da cristologia em três vertentenses basilares: encarnação, morte e ressurreição.

Na perspectiva puritana⁵, a encarnação de Cristo é o motor central da *missio Dei*, compreendida como o plano eterno da Trindade para redimir a humanidade e glorificar a Deus em toda a criação. Para os puritanos, a missão não é apenas um esforço humano, mas a própria atividade de Deus que se move em direção ao mundo. Mesmo assim, Bosch não consegue definir o que é missão.

nunca podemos nos arrogar delinear a missão com excessiva nitidez e autoconfiança. Em última análise, a missão permanece indefinível; ela nunca deveria ser encarcerada de nossas próprias predileções. O máximo que podemos esperar é formular algumas aproximações do que missão significa. (BOSCH, 2021, p.26).

Breve Catecismo de Westminster, documento produzido pelos puritanos e símbolo de fé da denominação Igreja Presbiteriana do Brasil, indaga “Qual é o fim principal do homem? Resposta. O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre” (O BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER, 2021, p.8), ou seja, o alvo principal de tudo é a glória de Deus (cf. 1 Co 10:31). Isso significa que o objetivo central da missão é a glória de Deus.

A encarnação de Cristo é o evento central da *missio Dei* funcionando como o ponto onde o envio divino se torna historicamente visível e tangível. Enquanto a *missio Dei* descreve o movimento eterno de Deus em direção à criação, a encarnação é o "modelo e motor" desse movimento, é um dos conceitos mais fundamentais da teologia cristã. Ela se refere ao momento em que o Filho de Deus, Jesus Cristo, se tornou homem, assumindo a natureza humana e vivendo entre os seres humanos. A Encarnação é o

Assim, a economia divina não é meramente um conceito teológico abstrato, mas a manifestação concreta e histórica do plano redentor de Deus. (CHESTER, 2016, p.84).

⁵A palavra ‘puritano’ teve sua origem na década 1560 de forma um tanto performativa, [...] embora seja difícil para um historiador definir o puritanismo, embora esse movimento foi um tipo de protestantismo reformado alinhando com as igrejas calvinistas, muito influente na Inglaterra, onde de modo rigoroso enfatizou a pureza e a integridade do indivíduo, igreja e sociedade, em conformidade com a palavra de Deus. (BEEKE, 2016, p.23-26). Os puritanos eram ministros ingleses, escoceses e americanos que, nos séculos XVI e XVII, buscaram purificar a Igreja da Inglaterra de rituais e costumes católicos. Mais que um movimento político, constituíram uma grande força cultural e espiritual [...] combinavam piedade e disciplina com o desejo de reformar a Igreja e a sociedade, ensinando e pregando segundo as Escrituras, extraíndo delas o padrão para devoção pessoal com ênfase na conversão e no viver experimental. (FERREIRA, 2008, pg.842-843). Historicamente, o puritanismo foi um movimento religioso do século XVI dentro do protestantismo inglês cujo propósito primário era purificar a Igreja Anglicana de formas católicas romanas. [...] Na fundação das colônias da Nova Inglaterra, estavam bem representados os separatistas, os não-separatistas e os batistas, com a colônia da baía de Plymouth composta essencialmente de separatistas moderados, enquanto Massachusetts Bay e Connecticut foram fundadas por puritanos não-separatistas. (CHAMPLIN, 2013, pg.513-514).

momento em que o Verbo (Logos) se fez carne (João 1:14). Jesus, o Filho de Deus, se tornou um ser humano, com um corpo e uma alma, para viver entre os homens e realizar a obra da salvação. Corroborando, Louis Berkhorf afirma:

Não foi o trino Deus, mas a segunda pessoa da Trindade que assumiu a natureza humana. Por essa razão, é melhor dizer que o Verbo se fez carne, do que dizer que Deus se fez homem. Ao mesmo tempo, devemos lembrar que cada uma das pessoas divinas agiu na encarnação, Mt 1.20; Lc 1.35; Jo 1.14; At 2.30; Rm 8.3; Gl 4.4; Fp 2.7. Quer dizer também que a encarnação não foi uma coisa que simplesmente aconteceu com o Logos, mas foi uma ativa realização da parte dele. Ao se falar de encarnação em distinção do nascimento do Logos, dá-se ênfase a sua participação ativa neste fato histórico, e se pressupõe a sua preexistência. Não é possível falar da encarnação de alguém que não teve existência prévia. Esta preexistência é claramente ensinada na Escritura: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”, Jo 1.1. “eu desci do céu”, Jo 6.38. “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos”, Co 8.9. “pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homem”, Fp 2.6,7 “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho”, Gl 4.4. O preexistente Filho de Deus assume a natureza humana e se reveste de carne e sangue humanos, um milagre que ultrapassa o nosso limitado entendimento. Isto mostra claramente que o infinito pode entrar em relações finitas, e de fato entra, e que, de algum modo, o sobrenatural pode entrar na vida histórica do mundo. (BERKHOF, 2012, p.306, p.307).

Na perspectiva da encarnação podemos observar quatro desdobramentos: primeiro, a aproximação; Deus se fez próximo: A Encarnação mostra que Deus não é um ser distante e inacessível, mas sim um Deus que se fez próximo do homem. Segundo a identificação; que se identificou com a nossa condição humana. Terceiro, a mediação; Jesus é o Mediador; a encarnação permitiu que Jesus se tornasse o Mediador entre Deus e os homens, capaz de entender as nossas fraquezas e interceder por nós. Quarto, a salvação; a salvação é possível; a encarnação é o fundamento da salvação, pois permitiu que Jesus morresse na cruz e ressuscitasse para nos dar a vida eterna.

A forma como Jesus veio ao mundo, assumindo a cultura, a linguagem e as limitações humanas, serve de paradigma para a missão da igreja. O maior evento na história, assim como o da igreja, é o fato da encarnação do Deus-Criador na pessoa de Cristo. Além de ter sido assumido como uma doutrina pela tradição cristã, ela carrega um aspecto muito mais profundo que ser simplesmente uma doutrina, pois, ela carrega a presença da realidade histórica de um Deus que não permanece numa esfera transcendente. Não podemos perder isso de vista. O nascimento de Jesus tem tudo a ver com sua morte e a morte de Jesus tem tudo a ver com nossa vida. Somente pela morte e ressurreição de Jesus é que “paz, amor, prosperidade e felicidade” fazem sentido. De fato, é isso que ele promete; não em sua ressurreição, mas em sua volta. O “shalom

de Deus”⁶ será estabelecido para sempre na volta de Jesus, quando ele trouxer juízo sobre todos quantos não experimentaram a salvação que ele veio trazer em seu nascimento.

Então partimos da premissa que Deus inicia sua missão no mundo a partir do envio de Cristo (Jo 3.16). Jesus não apenas veio ao mundo anunciar a missão do Pai, como Ele é a própria missão que se fez carne (Jo 1.14). Dessa forma, temos Cristo como centro da *missio Dei*, não podendo ser visto de forma distinta. A morte e ressurreição de Jesus Cristo é o ponto alto da missão (Jo 19.30; Rm 4.25; Hb 10.12-14). Freud, descobriu o inconsciente coletivo, Aristóteles, o indivíduo, Rene Descartes descobriu o eu, e Jesus descobriu o outro, então a missão, o ministério, as obras de Jesus é um acontecimento eloquente e visível da auteridade.

Mondin reverbera um pensamento barthiano, coerente acerca da cristologia dentro de um aspecto da auteridade:

A teologia barthiana muitas vezes é chamada de cristocêntrica [...] Mas o cristocentrismo será compatível com o objetivo de sua teologia, a Palavra de Deus, e o seu ponto de partida, a “alteridade” divina? Não se trataria de motivos diversos e contrastantes? De maneira alguma, pois “a Palavra de Deus outra coisa não é que o próprio Jesus Cristo” e a “alteridade” divina, por sua vez, está substanciada na pessoa de Jesus. Jesus Cristo é a única palavra de Deus que chama o homem, como homem, à vida, transferindo-o para o reino da vida e da liberdade diante de Deus e em Deus. Portanto, a função primária da teologia é falar de Deus falando de Jesus Cristo como a sua palavra criadora, redentora, reveladora, isto é, falando da humanidade de Deus. Quanto à “alteridade”, entre “só Deus” e “só Cristo” há um nexo lógico essencial, pois o “reconhecimento da divindade de Deus constitui o fundamento do reconhecimento da sua humanidade”. Desse modo, Barth inverteu a trajetória que os protestantes liberais haviam imprimido ao discurso teológico. Segundo eles, a teologia partia do homem e ascendia a Deus através de Jesus Cristo. Já segundo o teólogo da Basileia a teologia parte de Deus e através de Jesus Cristo desce até o homem. (MONDIN, 1987, p. 41,42).

A linguagem cristocêntrica é a linguagem do amor revelado em Cristo para a humanidade. Cristo é o Logos⁷ da revelação apresentada desde o Antigo Testamento na

⁶ O shalom de Deus representa muito mais que a ausência de conflito. A palavra hebraica “shalom” (שָׁלוֹם) significa “totalidade” e “paz”, e os teólogos a utilizam para descrever o estado ideal que Deus criou e pretende perpetuar. (HARROWER, 2019, p.8-9). shalom de Deus alcança todos os sentimentos, intuições, pensamentos e ações, apontando o caminho da fome para o pão, da sede para a água, transformando nudez em aconchego, doença em saúde e desesperança em sementes de esperança. (STEUERNAGEL, 2020, p.156-157).

⁷ Logos é uma palavra grega antiga (λόγος) que originalmente significa “palavra, dito ou discurso”. [...] Para Platão, logos designava a ordem racional pela qual o universo opera. [...] No contexto judaico helenístico, o conceito ganhou importância teológica. Logos tornou-se o equivalente padrão da Septuaginta para a palavra hebraica “davar” (palavra, coisa, assunto). [...] Na tradição cristã, o conceito foi transformado. O autor do Evangelho de João identificou inovativamente o logos divino eterno com o Messias, a pessoa de Jesus de Nazaré. [...] A cristologia do logos tornou-se um tema central da reflexão cristã primitiva, já em

vaticinação do movimento do profetismo hebraico. Portanto a compreensão da revelação do Logos para a igreja, para a *missio Dei* é de fundamental importância já que não pode haver religião sem revelação, nem missão sem uma premissa revelatória, pois há uma estreita relação da revelação e da missão, pois ambos falam diretamente do Logos revelado, Jesus Cristo.

Bavinck na sua obra dogmática reformada faz uma consideração notável:

Cristo é o Logos, cheio de graça e de verdade; sua obra está completa; o próprio Pai descansa no labor do Filho. Sua obra não pode ser aumentada nem ampliada pelas boas obras dos santos, nem sua palavra pela tradição, nem sua pessoa pelo papa. Em Cristo, Deus se revelou plenamente e se deu plenamente. Consequentemente, a Escritura também está completa. Ela é a perfeita Palavra de Deus. [...] No Logos estava não somente a vida, mas também a luz dos seres humanos. Cristo era cheio não apenas de graça, mas também em profecia. Palavra e ato andavam de mãos dadas na primeira dispensação, e também andam de mãos dadas agora, na economia do Espírito Santo. O Espírito Santo não apenas regenera, mas também ilumina. (BAVINK, 2012, p.383-384).

Haja vista, que o critério cristológico, no Logos encarnado expõe a primazia, e é o supra sumo da realidade no que tange todo aspecto dos atributos transitivos na experiência humana. No Logos encarnado acontece o descortinar da eternidade dentro de um *mysterium tremendum*⁸ de Deus experimentando a existência humana onde acontece a superação da morte, da maldição, do pecado, da alienação, realizando em Cristo o clímax da revelação um *mysterium fascinosum*⁹.

Considerando isso, a correlação do Logos encarnado com a alteridade e a *missio Dei* torna-se um feito extraordinário. Cristo se fez homem, sua natureza e obra profética, seus ofícios, redonda no outro, que implica em um ministério de acolhimento, valorização, numa dinâmica de compaixão e misericórdia, deixando para seu colégio apostólico, seus discípulos, sua igreja, um legado e contribuição com princípios que rompem a cultura, a história, suplantando uma experiência vazia e efêmera. Além disso, a igreja recebe uma herança, ou uma chama missionária onde a graça do Logos encarnado nos motiva ao labor, ao cuidado, ao zelo, a resiliência, ao acolhimento, com

Justino Mártir, Ireneu e fontes valentinianas, estendendo-se até as controvérsias cristológicas dos séculos IV e V. (NOVENSON, 2020, p.440-441).

⁸ *mysterium tremendum* – do latim, mistério tremendo. A experiência do numinoso que desperta na criatura um profundo sentimento de temor, assombro e reverência diante do mistério inefável, experiência religiosa do sagrado. (OTTO, 2021).

⁹ *Mysterium fascinosum* – do latim, mistério fascinante. O teor qualitativo do numinoso, que parece algo atraente, cativante, fascinante, em curiosa harmonia de contraste com o elemento distanciador do tremendum. (OTTO, 2021).

ênfase substancial na missão de Deus, dentro da realidade, sendo a identidade e o caráter de Jesus na missão da igreja local.

2.3 ECLESIOLOGIA

Nesse contexto, reputamos a pessoa e as obras de Jesus como elo perfeito, fundamental, indispensável, basilar para a igreja local. À luz de 1Co 5.18-20;6.1-2, 2 destaques precisam ser feitos: primeiro, Jesus reconcilia o mundo consigo. Segundo, concede à igreja o ministério da reconciliação e da cooperação. Portanto a eclesiologia é produto de uma alteridade cristológica, uma ética relacional, uma unidade cristã, uma comunhão harmoniosa, profunda e acolhedora. Esses elementos justificam a existência e a razão de ser da missão de Deus na eclesiologia.

A eclesiologia é um ramo da teologia sistemática que tem como foco o estudo da igreja em sua natureza, identidade e missão. A igreja não pode ser entendida apenas como uma instituição religiosa ou agrupamento meramente social, mas a assembleia dos eleitos, o corpo de Cristo, a comunhão dos santos (1Co 12.27).

Sobre isso, Sproul explica definição e conceito eclesiológico:

Eclesiologia é uma subdivisão da teologia sistemática. Trata da natureza, função e missão da igreja. Podemos começar a entender estes aspectos da igreja por examinarmos a palavra grega *kyriakon*, da qual obtemos a palavra inglesa *church* (igreja). As palavras que significam “igreja” em outras línguas – *kirk*, em escocês; *kerk*, em holandês; e *kirche*, em alemão – todas se derivam da mesma raiz. *Kyriakon* se refere àqueles que são posse ou pertencem ao *kyrios*, o Senhor. *Ekklēsia* é outra palavra grega traduzida por “igreja”. A palavra *ekklēsia* é formada do prefixo *ek*, que significa “fora de” ou “procedente de”, e de uma forma do verbo *kalēō*, que significa “chamar”. Portanto, *ekklēsia* significa “os chamados para fora” (SPROUL, 2017, p. 371).

Dessa forma compreendemos que *ἐκκλησία* (*ekklesia*) é o povo eleito de Deus, chamado para servirem na Sua missão, através de seu testemunho e da pregação do evangelho, para que, a palavra chegue a todos os povos, línguas e nações (Mt 24.14). Sob essa ótica, Erickson expõe:

Paulo usa a palavra *ἐκκλησία* mais do que qualquer outro autor do NT. Visto que a maioria de seus escritos era de cartas dirigidas a encontros locais específicos de crentes, não é de surpreender que o termo geralmente se refira a um grupo de crentes em determinada cidade. Assim, encontramos as cartas de Paulo dirigidas “à igreja de Deus em Corinto” (1Co 1.2; 2Co 1.1), “às igrejas da Galácia” (Gl 1.2), “à igreja dos tessalonicenses” (1Ts 1.1). A mesma observação se aplica a outros escritos do NT. A passagem de abertura do livro de Apocalipse de João (Ap 1-3) foi dirigida a sete igrejas específicas. Em Atos, também, *ἐκκλησία* se

refere principalmente a todos os cristãos que vivem e se encontram em uma cidade determinada, como Jerusalém (At 5.11; 8.1; 11.22; 12.1,5) ou Antioquia (13.1). Paulo visitou igrejas locais para designar presbíteros (14.23) ou para instruir e encorajar (15.41; 16.5). Esse sentido local de igreja é evidentemente a ideia pretendida na maioria das ocorrências da palavra *ἐκκλησία*. (ERICKSON, 2015, p.998).

Nessa perspectiva, Erickson afirma que, no NT, o termo igreja, na maior parte das vezes, não se refere a uma instituição formal, mas a comunidade dos eleitos reunidos em comunhão em determinados locais.

Nesse sentido, a *missio Dei* se apresenta como o plano divino antes mesmo da fundação do mundo (Ef 1.4-5). A existência da igreja está condicionada à missão do Deus Trino, sendo a missão da igreja, uma continuidade da missão de Cristo (Mt 28.18-20). O reflexo dessa missão acontece na unidade que constitui um dos elementos centrais da eclesiologia cristã. Ao afirmar que a igreja é una¹⁰, reconhece-se que sua origem está em Deus. Seu fundamento é Cristo (Mt 16.18; At 4.11; 1Co 3.11), é esta unidade que constitui o povo de Deus e é reflexo da própria comunhão trinitária.

O estudo da igreja acontece em duas dimensões: visível e invisível¹¹. A definição exposta pela declaração doutrinária da convenção Batista brasileira¹² no

¹⁰ A Igreja, comunhão dos que creem, é una por ter sido criada pelo Deus uno, Deus único, que tem uma só Palavra que se tornou carne em Jesus Cristo. Há um Senhor, uma fé, um batismo (Ef 4.5) [...] todos os homens e mulheres que creem em Jesus Cristo participam dessa Igreja una que não pode ser dividida. [...] A Igreja una se expressa em uma diversidade de formas visíveis, uma diversidade legítima surgida de desenvolvimentos históricos e realidades culturais e geográficas variadas. (GISEL, 2016, p.813-814).

¹¹ Os teólogos usam a expressão igreja invisível para se referirem àqueles que constituem a igreja de Jesus Cristo, ou seja, aqueles que são verdadeiramente regenerados. Por contraste, a igreja visível é o conjunto de todos aqueles que afirmam estar num estado de graça e que se identificam com a igreja. A igreja invisível é chamada assim porque, conforme a Escritura, podemos avaliar a profissão de fé dos outros e seu compromisso com Cristo somente com base em aparências exteriores. Se alguém me diz que é um cristão, eu tenho de admitir que ele está falando a verdade. Não sou capaz de ler o seu coração. O estado real de sua alma está além de minha capacidade de sondagem. No entanto, o que é invisível para nós é nitidamente visível para Deus. Somos limitados às aparências exteriores. Deus pode realmente perscrutar o coração. Para ele, não há nada invisível em relação à igreja; tudo é claro e visível para Deus. Devemos evitar a suposição de que a igreja visível e a igreja invisível são entidades separadas. Como Agostinho comentou, a igreja invisível se acha substancialmente dentro da igreja visível. Assim, a igreja invisível é constituída de verdadeiros crentes que estão dentro da igreja visível. (SPROUL, 2017, p.372-373).

¹² Uma declaração doutrinária é sempre necessária pra a exposição da crença de algum grupo religioso. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira é, portanto, o documento que expõe, em artigos (19), o que os batistas brasileiros creem. A Declaração Doutrinária não existe para engessar ninguém. Existe para orientar as igrejas quanto às doutrinas cardiais da Bíblia aceitas pelos batistas brasileiros. Nunca se pode esquecer que a Bíblia é, para os batistas, a única regra de fé e prática. [...] Conforme o Dr. McBeth, a confissão afirma o que um grupo de batistas, pequeno ou grande, crê em qualquer tempo e lugar. O credo prescreve o que cada membro deve crer. As confissões incluem; os credos excluem. (FERREIRA, 2025, p.25)

tocante à igreja local diz: “igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé”.

A igreja local é aquela que vai, envia e sustenta. Essa relação de cooperação harmoniosa, sendo ela corpo, noiva, povo, expressa de forma plena sua missão na interdependência do Deus Trino: o Pai é a fonte e autor da missão; o Filho é o modelo supremo da missão; o Espírito Santo atua como aquele que vivifica, capacita e conduz a igreja, distribuindo dons e fortalecendo-a para o testemunho e serviço no mundo.

Desejamos fazer uma reflexão missiológica a partir de um contexto de igreja local no entendimento batista¹³ compreendendo que “sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus (Mt 16.18; Cl 1.18; Hb 12.22-24; Ef 1.22,23) “(PACTO E COMUNHÃO, 2010).

Dentro da compreensão missiológica, os batistas entendem que a missão tem origem no próprio Deus trino e que todo cristão é um missionário. As missões batistas tem como objetivo plantar igrejas, fortalecer os discípulos de Jesus e levá-los a se comprometerem com a comunidade. Hoje, os batistas são reconhecidos como um povo missionário. Mas nem sempre foi assim, especialmente em relação a missões em lugares distantes e a diferentes culturas.

Os batistas tinham seu foco nas pessoas que estavam por perto, que eram semelhantes a eles em termos de língua, cultura e geografia. Batistas em todo o mundo estão empenhados em missões e evangelismo. Os dois termos se relacionam, mas são distintos. Evangelismo inclui compartilhar o evangelho de Jesus Cristo com palavras e ação. Embora seja verdade que cada cristão está “em missão”, “missões” envolve o envio de pessoas para compartilhar o evangelho com pessoas com quem normalmente não teriam contato. Ser enviado por Jesus em missão faz parte do que significa segui-lo (João 20:21).

¹³ Considerando as raízes do nome Batista, a história começa com a organização da igreja em Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612, por Thomas Helwys. Entre 1861-1865 norte-americanos sulistas chegaram a Santa Bárbara D'Oeste (SP) e organizaram a Primeira Igreja Batista em terras brasileiras, sob a coordenação do pastor Richard Ratcliff. Em 1882, foi organizada a Primeira Igreja Batista da Bahia, voltada para a evangelização do Brasil pelos casais Bagby e Taylor.(PACTO E COMUNHÃO, 2010).

2.4 PARTICIPAÇÃO DA IGREJA NA MISSÃO DE DEUS

A igreja nasce como parte do grande plano redentor do Senhor, para atuar na sua missão; um ato de serviço e submissão ao senhorio de Deus, pois não se pode pensar igreja, sem está atuante na *missio Dei*. Deus Pai envia o Filho para dar início à Sua missão, ensinando acerca do reino, chamando ao arrependimento, e por fim, crucificado, tudo como parte da missão, que não finda ali na Cruz do calvário. Nesse contexto, Vicedom afirma:

Com Jesus Cristo inicia-se a *missio Dei* especial, pois nele Deus é simultaneamente o enviado e o enviado, o que se revela e a revelação o santo que castiga e que redime. Por meio de seu Filho o próprio Deus se torna o conteúdo do envio na encarnação e na glorificação. Nele se revela uma vez por todas quem Deus é, o que ele é, como age, como pensa a respeito dos seres humanos, como os redime, qual a salvação que tem à disposição deles, como as pessoas podem aproximar-se dele, como são recebidas em sua comunhão. Isso agora se destina a todos os seres humanos. De agora em diante ninguém pode procurar seu próprio caminho de redenção. Esse Jesus ninguém pode ignorar. Todo ser humano tem que decidir-se nele e por meio dele, pois nele age com as pessoas o Deus que é seu Senhor a partir da criação. Por isso Jesus, sem dúvida, tem uma tarefa especial nesse envio, mas sempre será a tarefa e a vontade que o próprio Deus triúno propôs a si mesmo para a salvação das pessoas. Jesus sempre age em concordância com o Pai, e atua como se o próprio Pai estivesse atuando. Ele completa a obra de seu Pai (Jo 4.34), e isso é uma prova de que Deus o enviou e que ele está atuando (Jo 9.3ss.). O envio tem o propósito de revelar aos seres humanos que o Pai está no Filho e o Filho, no Pai. Por isso o envio é um assunto muito sério. Por meio dele os seres humanos são levados à presença do Deus vivo, seus deuses antigos são declarados nulos e seus caminhos de redenção são declarados falsos. Pois somente ele é a salvação e somente ele traz a salvação. (VICEDOM, 1996, p.44).

Apartir da revelação especial, o envio de Jesus Cristo, inicia-se a *missio Dei* especial; onde o Pai se revela através do Filho, abrangendo o seu plano redentor a toda a criação, judeus e gentios. Sendo, portanto, Jesus o redentor, o portador, e ao mesmo tempo, a própria mensagem; o mediador entre o homem e Deus.

Cristo comissiona a Sua igreja a integrar a linha de frente da missão, a qual envia o Espírito Santo para ensinar todas as coisas, lembrar-nos tudo o que Cristo nos ensinou, nos iluminar e dar entendimento acerca da missão de Deus (Jo 14.26). nesse contexto, K. Hartenstein afirma:

A missão não é somente obediência a uma palavra do Senhor, não é apenas o compromisso de congregar a comunidade; ela é participação na missão do Filho, na *missio Dei*, com o abrangente objetivo do estabelecimento do senhorio de Cristo sobre toda a criação redimida. (K. HARTENSTEIN, 1952, p. 54, apud VICEDOM, 1996, p.15)

Na criação (Gn 1.) Deus é quem inicia o relacionamento com a humanidade, com o propósito que toda a terra reflita Sua glória. A *missio Dei* começa com o propósito redentor e governamental de Deus sobre toda a criação. A *missio Dei* revela que Deus é o autor da missão, que começou na criação e que o Senhor demonstra Seu amor por todos os povos, quando escolhe um homem (Gn 12) com o propósito missionário universal. “Em ti serão benditas todas as famílias da terra”. O plano redentor do Senhor sempre teve alcance global, pois Deus atua não somente na história dos israelitas, mais de toda a humanidade, como observa Wright:

YHWH não só controla a história do próprio povo da aliança, como também controla a história inteira de todas as nações. [...] Ele não só intervém no destino das nações que não o adoram, mas é perfeitamente capaz de fazê-lo com ou sem a atuação direta do povo da aliança e de forma independente dos interesses deste. (WRIGHT, 2014 p.85)

Nesse sentido, como expressão do propósito de sua missão, Deus exerce soberania sobre nações e reis que não o conhecem plenamente, conduzindo-os para o cumprimento de seus propósitos, assim como fez com o rei Dario (Ed 6. 1-12).

Até pouco tempo, a *missio Dei* era compreendida de maneira restrita, sendo associada apenas a uma dimensão específica do trabalho da igreja. Nessa perspectiva, predominantemente soteriológica, a missão era entendida sobretudo como a proclamação do evangelho com o objetivo de conduzir o ser humano à conversão. Dessa forma, a prática missionária era vista essencialmente como uma atividade evangelística voltada para a salvação das pessoas e, conseqüentemente, para a expansão do Reino de Deus.

A partir da década de 1960, após as assembleias do conselho mundial de igrejas (CMI)¹⁴, tornou-se cada vez mais claro que não se sustentava mais o entendimento tradicional de missão, que predominava até então. Anterior a esse período, a missão era compreendida como sendo uma atividade secundária da igreja, limitando-se no envio e missionários para o campo. Entretanto esse paradigma começou a ser quebrado, com

¹⁴ O Conselho Mundial de Igrejas é uma associação de igrejas de todos os continentes, reunindo tradições protestantes e ortodoxas. Desde sua fundação em 1948, tornou-se a organização multilateral mais ativa e inclusiva no ecumenismo contemporâneo. A origem do CMI resulta da convergência de três movimentos distintos. O primeiro foi o Conselho Universal Cristão sobre Vida e Trabalho, que se reuniu em 1920, 1925 e 1937 para abordar questões sociais globais, enquanto a Conferência Mundial sobre Fé e Ordem realizou assembleias nos mesmos períodos para tratar de teologia e liturgia. (MCCUNE, 2004, p. 90-91) O terceiro fluxo originou-se do Conselho Internacional de Missões, formado em 1921, que posteriormente se integrou ao CMI em 1961.2 A instituição começou a formar-se em 1938 e foi constituída formalmente em 23 de agosto de 1948 durante assembleia em Amsterdã. (SAARINEN, 2017, p.136).

uma melhor compreensão da mesma. Entendeu-se que a missão não pertence à igreja, mas a Deus, redefinindo completamente o papel da igreja no mundo. Nesse sentido, ela não é a origem da missão, mas participante dela. Deus em sua essência é missionário, pois enviou e foi o enviado através do Deus filho (Jo 3.16), conforme Vicedom:

A missio Dei é a obra de Deus através da qual manda oferecer, por meio de seus enviados, aos seres humanos tudo que tem em mente para sua salvação, toda a plenitude de seu reino da redenção, para que, libertos do pecado, arrebatados do outro reino, possam entrar de novo inteiramente em sua comunhão. Dessa maneira o envio se torna um ato de amor de Deus para com os seres humanos perdidos. [...] Para levar a salvação às pessoas, Deus empenha-se por elas através da revelação, por meio de sua palavra. Por isso a *missio Dei* está estritamente associada à revelação. Deus se revela efetuando ele mesmo o envio. Se não houvesse *missio Dei*, também não teríamos revelação. Ele envia sua palavra aos seres humanos e se revela de maneira a vir em pessoa a eles em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo (Jo 3.16; Rm 1.16). (VICEDOM, 1996, p.40).

Através da sua missão, Deus oferece a toda humanidade, a oportunidade de usufruir da plenitude de seu reino, ato deslumbrante de misericórdia e amor exercido por Deus.

A igreja existe porque há uma missão divina em andamento, tendo sido eleita e vocacionada não porque tinha sua própria missão, mas para fazer parte ativamente do que Deus já havia iniciado no mundo (AT 1).

Apartir desse entendimento, a missão nos mostra o profundo amor de Deus pela humanidade, como nos mostra o evangelho de João, “porque Deus amou o mundo de tal maneira” (Jo 3.16) e esse amor não está limitado à igreja, pelo contrário, alcança toda a criação. Assim sendo, a *missio Dei* ultrapassa a fronteira da igreja, alcançando todo o mundo, e é, por causa desse amor que a igreja foi constituída. Ela não existe para si mesma, mas para ser instrumento de Deus no cumprimento de Sua missão redentora. Corroborando essa ideia, Bosch afirma:

É por causa de sua missão que a igreja foi eleita, por causa de sua vocação que ela se tornou “povo do próprio Deus” (1 Pe 2.9; cf. Linz 1964:33). A missão, por conseguinte, não se pode definir unicamente em termos da igreja – mesmo da igreja que é missão por sua própria natureza. A missão vai além da igreja. Ilich está, pois, correto quando afirma que a missão constitui “a continuação social da encarnação”, “a alvorada social do mistério”, “a florescência social da Palavra em um presente sempre cambiante” (1945:5). Dizer que a igreja é, em essência, missionária não significa que a missão esteja centrada na igreja. Ela é *missio Dei*. E trinitária. Está mediando o amor de Deus Pai, que é pai/mãe de todas as pessoas, quem quer que sejam e onde quer que estejam. Ela é epifania, a concretização da presença de Deus Espírito, que sopra onde quer, sem que saibamos de onde vem e para onde vai (Jo 3.8). A missão é “expressão da vida do Espírito Santo, a quem não se impõem limites” (G. van der Leeuw apud Rosenkranz 1977:14). Portanto, a missão diz respeito também ao mundo que se encontra além dos limites da igreja. Trata-se do mundo que Deus ama e por cujo

amor a comunidade cristã é conclamada a ser sal e luz (Jo 3.16; Mt 5.13 – cf. Linz 1964:33s; Neill 1968:76). (BOSCH, 2021, p.589).

A Igreja, tornou-se Igreja porque assim fez o Senhor; com a sua missão, tornando-se povo de Deus, separada do mundo (Jo 17.16), comissionada e enviada ao mundo por Jesus Cristo (Jo 17.18) para atuar na *missio Dei*.

Desse modo, a igreja é chamada a ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5.13). Esse texto nos mostra o papel transformador da igreja em preservar e iluminar um mundo caído em densas trevas.

A igreja é enviada para pregar aos gentios a mensagem do evangelho e testemunhar o amor de Deus em ação e palavra, do contrário, não estaríamos aqui. Por conseguinte, a igreja não é o início nem o fim, ao contrário, ela é instrumento nas mãos de Deus, e essa compreensão descortina a visão para uma mudança de comportamento e serviço. Nesse contexto, destaca-se a contribuição de Vicedom:

O envio que Deus efetuou por meio de Jesus Cristo e que continua atuante até hoje através dos apóstolos, levou à formação da Igreja. Se Deus não tivesse enviado seu Filho, não existiria Igreja, nem apostolado, nem missão. A Igreja surgiu porque Jesus ordenou a proclamação de sua palavra através de seres humanos e porque pessoas se deixaram chamar para fora do mundo pela mensagem da redenção. Assim justamente a Igreja é a prova mais evidente de que o evangelho pertence também aos gentios. Portanto, não é nosso dever missionar porque possuímos o evangelho, e, sim, possuímos o evangelho somente porque ele é destinado aos gentios. Do contrário, nos arvoraríamos em senhos do evangelho e abusaríamos do ministério da reconciliação. Somos Igreja porque Deus quis a missão gentílica. Visto, porém, que somos Igreja de gentios, também não podemos ser outra coisa senão um membro da *missio Dei*, um instrumento no agir de Deus, um sinal de que Deus está levando o mundo a sua consumação.

Assim como Deus deu continuidade à obra de seu Filho por meio dos apóstolos, assim levou avante a atividade destes por meio do fruto de sua obra, e ainda continua até alcançar seu objetivo (Mt 24.14). dessa maneira a missão da Igreja é, simultaneamente, a *missio Dei* nos tempos de hoje, por esta encerrada e promovida (Mt 10.16; Lc 10.1; Jo 17.18). ela não é uma obra autônoma, de iniciativa própria, arbitrária da Igreja; ela também não se justifica pelo contexto; missão é, antes, a obra fundamental de Deus, obra do próprio Deus segundo seu início, sua natureza, sua tarefa. Também na missão da Igreja ele continua sendo aquele que envia, orienta, determina. (VICEDOM, 1996, p.62).

Portanto, ser igreja implica não somente reconhecer-se como uma comunidade de fé unida, mas, sobre tudo como enviada. Não há missão sem envio, e sem missão não há igreja. Esse envio faz parte da identidade do povo de Deus (At 1.8), sendo conferido já no início, no período apostólico; o envio torna-se evidente quando a igreja compreende que apesar de não ser desse mundo (Jo 17.16), foi enviada para ele (Jo 17.18); assumindo sua vocação.

A igreja não possui legalidade para existir isoladamente, fora da missão de Deus, pois por essência, está vinculada à *missio Dei*.

Não existe missão sem envio bem concreto. Ela não acontece numa atuação dinâmica da comunidade, mas na transmissão concreta do serviço e em instrução. Por um lado, esse envio já está estabelecido no sacerdócio de todos os crentes juntamente com o Batismo, mas se torna um envio real ao mundo onde mensageiros são chamados e enviados. A comunidade não teria o direito para isso se não fosse ela própria, conforme constatado acima, um membro da *missio Dei*. Ora, através dela acontece à Igreja a mesma coisa que já constatamos na introdução com vistas ao próprio Deus. Assim como Deus se confronta com o mundo pecador em sua *missio* e, não obstante, estabelece seu relacionamento com o mundo através do envio, ele agora concede a sua comunidade a mesma posição. A Igreja sempre estaria no perigo de conformar-se com o mundo, de tão grande porque as religiões entendem a comunhão religiosa como comunhão cultural e nacional, porque todos os estados querem garantir a unidade do povo pela unidade da religião. Esse perigo sempre existe na Igreja porque ela, necessariamente, também se torna comunhão por nascimento. [...] Com isso estamos afirmando que a comunidade tem que atuar no mundo sobretudo através de sua presença. Ou ela é comunidade do testemunho, do serviço, do louvor, ou ela não é comunidade de Jesus Cristo. (VICEDOM, 1996, p.66).

Tal afirmação reforça a ideia de que a missão, antes de tudo, consiste no envio da igreja pelo Deus trino, que a comissiona a proclamar o evangelho por meio da palavra e do testemunho de vida, a partir de uma transformação experimentada e vivida de forma prática.

Se a igreja é enviada pelo Deus trino a proclamar o seu evangelho, atuando em sua missão, torna-se necessário assimilar como essa participação se materializa na práxis da igreja local. No entanto, muitas igrejas tem reduzido sua participação, através das agências missionárias. Diante dessa realidade, torna-se necessário refletir sobre a prática missionária da igreja local e sua responsabilidade na *missio Dei*.

3. A *MISSIO DEI* NA PRÁXIS DA IGREJA LOCAL: DA TERCEIRIZAÇÃO DA MISSÃO À PRIMAZIA MISSIONAL

Missões na igreja local é o alicerce da vida cristã; uma expressão da ação de Deus no mundo. A práxis missionária não se deve limitar na teoria, mas materializar-se por meio de ações que comprovem o envolvimento da igreja local na *missio Dei*, se mostrando obediente ao ide de Jesus Cristo por meio da evangelização, discipulado e compaixão; atitudes essas inseparáveis da missão de Deus. Stott apresenta uma compreensão profundamente cristocêntrica da missão para a igreja local:

A forma crucial como a Grande Comissão foi entregue a nós (apesar de ser a mais negligenciada, por ser a mais custosa), é a joanina. Jesus havia antecipado isso em sua oração no cenáculo quando disse ao Pai: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo” (Jo 17.18). Agora, provavelmente no mesmo cenáculo, mais depois de sua morte e ressurreição, ele transforma sua oração-declaração em uma ordem e diz: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (J 20.21). Nessas duas sentenças, Jesus fez mais do que traçar um paralelo vago entre sua missão e a nossa. Precisa e deliberadamente, ele fez de sua missão um modelo para nossa, dizendo: “assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”. Portanto, nossa compreensão da missão da igreja deve ser deduzida da nossa compreensão da missão do Filho. (STOTT, 2010, p.27).

Assim sendo, devemos compreender a missão da igreja a partir da missão de Cristo, a começar da renúncia, evangelização, compaixão, discipulado, obedecendo ao ide de Jesus.

Dentro da igreja local podemos ver alguns obstáculos para o engajamento na *missio Dei*; o problema não está na estrutura financeira da igreja mais na vida espiritual dos seus membros, com a perda do compromisso com o ide (Mt 28. 18-20).

Com a negligência no estudo das sagradas escrituras e na falta de uma vida piedosa, no crescimento e no conhecimento de Deus, os crentes tornam-se incapazes de cumprir a missão de Deus. Além disso, há um desdobramento na falta de conhecimento aprofundado da *missio Dei*, com um trabalho reduzido a um evangelismo superficial, fugindo do que o texto bíblico ensina no evangelho de Mateus:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: — Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. ¹⁹ portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ²⁰ ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos. (Mt 28. 18-20, NAA).

Desdobrando-se ainda na falta de engajamento pessoal dos membros da igreja local no cumprimento da missão. Quando a responsabilidade do ide é transferida para uma agência missionária ou algum líder, a membresia da igreja local se perdeu no entendimento da *missio Dei*.

Quando tratamos da prática missionária na igreja local refletindo no seu aspecto visível fazemos o seguinte destaque:

1. O discipulado, a representação mais eficiente daquilo que foi proposto por Jesus, o Senhor, autor e mantenedor da missão.
2. A compaixão e a graça, dois elementos indispensáveis para o desenvolvimento efetivo da missão aonde acontece em duas frentes, a evangelização na oralidade e evangelização na sua prática.

Por conseguinte, a relação entre o discipulado e a compaixão e graça como obediência ao ide de Jesus, Apartir da compreensão da ortodoxia¹⁵ e de uma ortopraxia¹⁶ clara da *missio Dei*; nesse sentido, entende-se que a missão contém elementos, que, ao serem negligenciados, produzem uma realidade diferente da prática missionária. Não considerando a relevância de validar o conteúdo (evangelho) e a execução (práxis). Diante disso, justifica-se o estudo dos fatos que impedem a execução plena da *missio Dei* na seguinte consideração:

3.1 TERCEIRIZAÇÃO DA MISSÃO

No mundo dos negócios, é muito comum o uso do termo terceirização; método utilizado para passar adiante aquilo que se julga secundário para outras empresas especializadas. Os contornos da *missio Dei* podem ser delineadas pela economia divina, compaixão e graça. Considerando uma linguagem missional daquilo que compreendemos dentro de um sinergismo¹⁷ e um monergismo¹⁸; então o impedimento sinérgico da *missio Dei* pode ficar comprometido com uma cosmovisão confusa da terceirização.

Gradualmente tem se percebido a igreja local terceirizando a *missio Dei*, o ide, para agências missionárias ou pessoas (como pastor, líder de departamento ou um

¹⁵ Etimologicamente, a palavra significa literalmente “crença” (doxa) “reta” (ortho). No sentido mais estrito, a “ortodoxia” significa “doutrina correta”. (GONZÁLEZ, 2009, p.235).

¹⁶ origina-se do grego orthos (correto) e praxis (ação). a práxis* correta é tão importante como a doutrina correta — ou antes, que uma doutrina, não importa quanto correta seja essa teoria, se não surge e leva à práxis do amor é vã. (GONZÁLEZ, 2009, p.236).

¹⁷ Essa palavra vem do termo grego composto que significa “trabalhar junto com”. No contexto teológico essa palavra significa que a salvação do indivíduo é o resultado final de um esforço cooperativo do indivíduo com Deus. (CHAMPLIN, 2013, p.233).

¹⁸ Afirma que a regeneração depende, totalmente, das operações do Espírito Santo, onde a vontade humana se mostra completamente passiva, durante todo o processo da regeneração. (CHAMPLIN, 2013, p.344).

missionário vocacionado da igreja local), criando o que se pode considerar terceirização; esse processo consiste no compartilhamento do labor missional da igreja local e dos membros individualmente, para pessoas ou entidades, resumindo o seu trabalho em uma campanha de arrecadação local.

Na perspectiva missionária, a terceirização acontece quando a igreja local se restringe a enviar recursos financeiros a agências missionárias, que assumem a tarefa de enviar e apoiar os missionários no campo. Nesse contexto, a igreja que tradicionalmente tinha a responsabilidade de fazer missões, deixou de realizar a missão em sua realidade local, entendendo que, ao enviar contribuições para as agências missionárias, já está cumprindo sua participação na *missio Dei*. No entanto, se a igreja local se resume à arrecadação e ao repasse de recursos financeiros, a *missio Dei* não ocupa seu lugar em si, mais passa a ser vista como um elemento de importância secundária para a igreja. A missão, no entanto, não se limita a uma instituição ou agente especializado, mas a todo cristão e à própria igreja. Como consequência dessa terceirização, o missionário passa a ser visto apenas como alguém que exerce um ofício, ocupa um cargo ou desempenha uma profissão. Assim, ministérios como o pastoral, o diaconal e as lideranças departamentais tornam-se reféns dessa compreensão “teológica” vazia, carnal e decadente. Wright nos chama a refletir acerca do início e fim do labor missional do cristão.

Onde começa e onde termina o trabalho “missionário”? caímos facilmente no tipo de pensamento categorizado, dividindo o mundo em diferentes zonas. A própria palavra “missão” geralmente anda junto com a noção de “campo missionário”, que normalmente significa países estrangeiros, mas não aqui em nossa pátria. Essa tem sido uma maneira ocidental de olhar o mundo, mas que também é encontrada em outras partes do mundo, nas quais existem agora fortes igrejas que enviam missionários. Mas, à medida que começamos a pensar seriamente sobre isso, vemos a realidade: o campo missionário está em toda parte, inclusive em nossa própria rua – em qualquer lugar onde se vê ignorância ou rejeição do evangelho de Jesus Cristo. (WRIGHT, 2012, p. 34).

Sob esse olhar, a igreja local necessita de uma reavaliação da sua identidade missional, compreendendo que a *missio Dei* não tem local de início e fim, mas onde quer que a pregação do evangelho seja necessária.

A *missio Dei* milita com questões oriundas da eternidade, e das relações existenciais; a igreja local do ponto de vista da organização, inscrita com CNPJ, perdeu a concepção primária: céu, inferno, urgência e o ardor de ganhar; investir todos os recursos necessários, empreender suor e lágrimas na oração, deixando esse labor, em

grande parte, confiando nas agências missionárias. As muitas ocupações, eventos, programações, conferências, acampamentos, festas, sufocam a igreja local, até certo ponto impedindo o seu avanço. Isso, por sua vez, estimula a igreja a insistir na terceirização; Ramos e Fuchs nos convidam a olhar além de nós mesmos, não focando apenas na vida interna da igreja:

Ninguém evangeliza a quem não ama! Evangelizar é um ato de amor, assim como “Deus amou o mundo” (Jo 3.16). Para amar nossas cidades, precisamos conhecê-las profundamente. Ver a cidade de diversos ângulos é um bom começo, mas é essencial entender o que estamos observando e sua relevância para nós. Pra isso, precisamos aprender a fazer a exegese da nossa cidade. [...] a exegese da cidade é um desafio que nos impulsiona a olhar além de nós mesmos, a não focar apenas na vida dentro da igreja. Esse processo representa um chamado para que a igreja ultrapasse seus próprios limites e observe o que acontece com as pessoas além de suas fronteiras. Trata-se de um entendimento profundo da cidade em suas múltiplas dimensões – geográfica, demográfica, cultural e religiosa, entre outras. Ao se engajar na exegese da cidade, a igreja aprende a interpretar e compreender os contextos e necessidades específicas da comunidade urbana, permitindo uma atuação mais relevante e transformadora. Esse desafio exige que a igreja não se contente com um ministério voltado apenas para dentro (ad intra), atendendo exclusivamente às suas próprias necessidades internas. Em vez disso, ela deve se abrir para a realidade externa (ad extra), identificando os clamores e as dores reais da cidade e do povo, e respondendo de forma compassiva e proativa. Isso implica mapear a cidade, entender suas dinâmicas sociais, culturais e econômicas, e envolver-se ativamente nos fluxos e interações que definem a vida urbana. (RAMOS; FUCHS, 2024, p.217-218).

Sob esse olhar, observa-se a necessidade de conhecer a comunidade; um olhar para além do templo e dos repartimentos da igreja local e observar o que a rodeia, as necessidades e carências da comunidade na qual está inserida a igreja local.

Um contraponto sensato em pensar *missio Dei* é entender a razão de ser da mesma; missões é o empenho da igreja em ver o triunfo do Evangelho em todo o mundo, e missionários são aqueles comissionados pela igreja para espalhar a fragrância do conhecimento de Cristo a povos e lugares onde a sua glória ainda não é bem conhecida ou desfrutada (2 Co 2.14-17). O trabalho missionário está, portanto, profundamente ligado ao ministério da igreja, e o crescimento e o florescimento da igreja são o principal fruto das missões. E a igreja que vai e envia missionários com uma visão elevada da missão, está preparada para cumprir a *misso Dei* com a maior fidelidade conforme expressa Bosch.

A dimensão missionária da vida de uma igreja local manifesta-se, interalia, quando ela é verdadeiramente uma comunidade de culto; é capaz de acolher pessoas de fora e fazer com que se sintam em casa; é uma igreja em que o pastor não possui o monopólio e os membros não são meramente objetos de assistência pastoral; seus membros são equipados para exercer sua vocação na sociedade; ela se mostra estruturalmente maleável e inovadora, e não defende os privilégios de um grupo seletivo (cf. Gensichen 1971: 170-172). Mas a

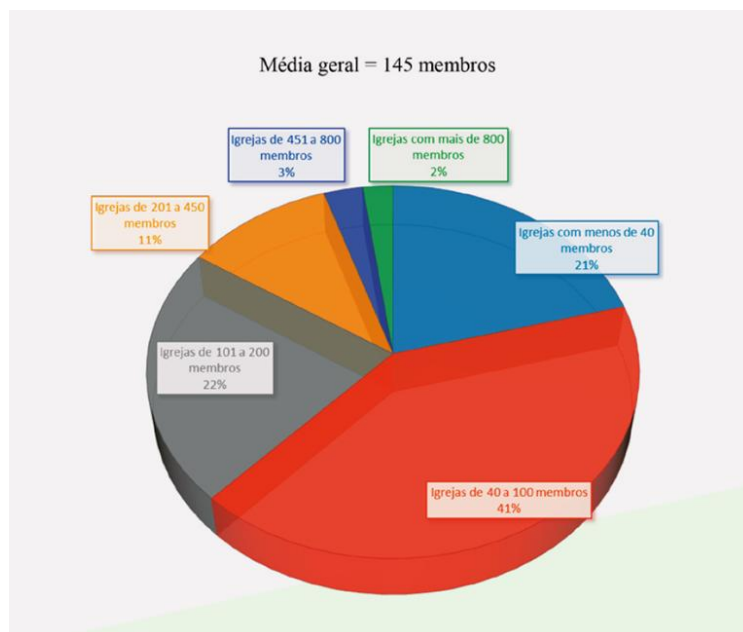
dimensão missionária da igreja evoca um envolvimento intencional, ou seja, direto na sociedade; ela efetivamente transpõe os muros da igreja e se engaja em “pontos de concentração” missionários (Newbigin), como a evangelização e o trabalho em prol da justiça e da paz. (BOSCH, 2021, p.447).

Em suma, a identidade da igreja local deve possuir uma natureza missionária. A *missio Dei* começa na sua identidade. uma igreja missionária é reconhecida, por seu culto e adoração, que não é um ato fechado em si mesmo, mas um testemunho da presença de Deus, capaz de receber pessoas e integrá-las na comunhão. Assim, a hospitalidade torna-se essencial na missão. A perspectiva missionária apresentada entende que cada cristão possui vocação e responsabilidade no serviço ao reino. Os crentes, portanto, devem atuar na sociedade como testemunhas de Cristo em suas profissões, relações sociais e em quais quer lugar por onde transitarem.

Apartir do censo batista, realizado em 2023 pela Convenção Batista Brasileira, por meio da Junta de Missões Nacionais, com o objetivo de fazer um retrato da denominação, podemos observar algumas informações importantes. Essas informações são relevantes para esta pesquisa porque permitem observar, na prática, como as igrejas locais têm respondido ao chamado da *missio Dei*. Se a missão é a própria razão de ser da igreja, conforme defendido ao longo deste trabalho, espera-se que essa compreensão produza resultados concretos na evangelização, no discipulado, na formação de novas congregações e na expansão do Reino de Deus. Assim, os dados estatísticos não são apresentados apenas como indicadores numéricos, mas como elementos que ajudam a avaliar o grau de comprometimento missionário das igrejas locais com a missão de Deus.

No gráfico abaixo, observa-se o panorama das Igrejas Batistas no Brasil, divididas de acordo com o número de membros.

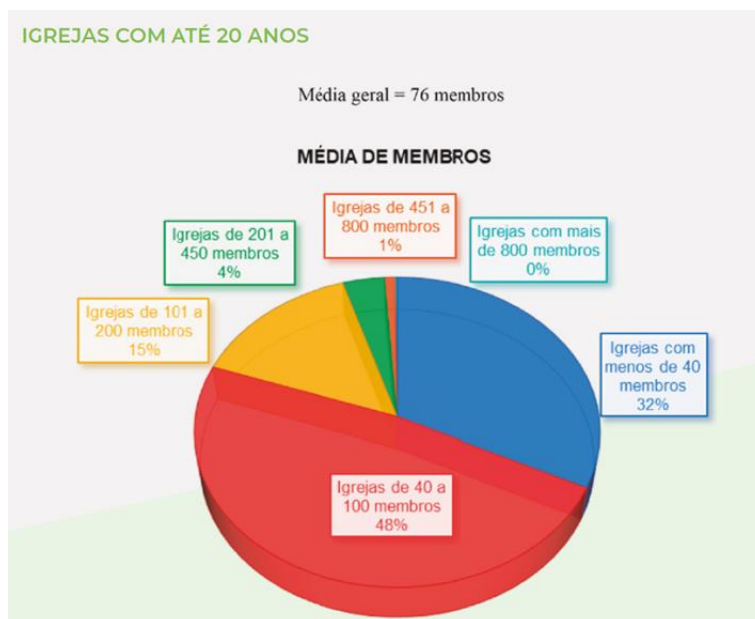
Gráfico 1 – Total de membros das Igrejas Batistas no Brasil, divididas em faixas por número de membros.



Fonte: Convenção Batista Brasileira (censo 2023).

No gráfico 1 acima, temos um gráfico em formato de pizza que nos mostra a divisão do total de Igrejas Batistas no Brasil a partir do número de membros. Em primeiro lugar, com o maior percentual de igrejas, temos a fatia do gráfico em cor vermelha com igrejas de 40 a 100 membros, que representa um total de 41% das igrejas batistas brasileiras. Em segundo lugar temos a faixa cinza, que estampa as igrejas que tem de 101 a 200 membros, com uma representatividade de 22%. Em terceiro lugar temos na cor azul, igrejas com menos de 40 membros, que representa 21% do total. Em quarto lugar, na cor laranja, temos as igrejas com o número de membros entre 201 e 450, com 11% do total. Em quinto lugar, na cor azul escuro, com 3% do total, igrejas com 451 a 800 membros, e em sexto e último lugar representada pela cor verde no gráfico temos as igrejas com mais de 800 membros, sendo 2% do total de igrejas batistas no Brasil. Segundo os dados oficiais da Convenção Batista Brasileira, em 2024 o Brasil possuía 9079 igrejas, que somam aproximadamente 1,8 milhão de Batistas no Brasil, com uma média de 145 membros por igreja.

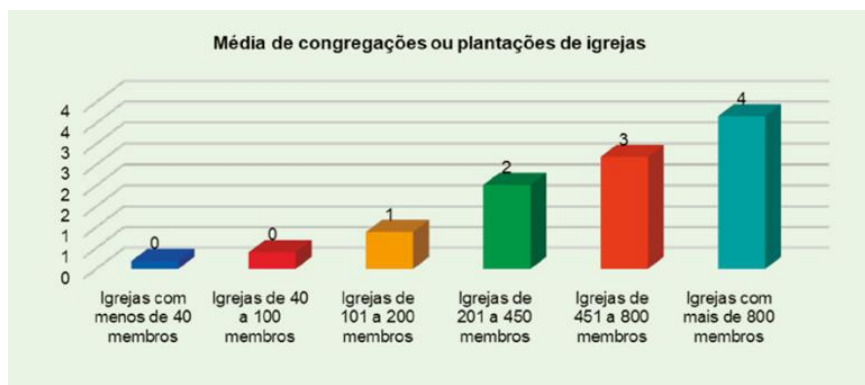
Gráfico 2 - Igrejas Batistas no Brasil com até 20 anos de organização, divididas em faixas por total de membros.



Fonte: Convenção Batista Brasileira (censo 2023).

No gráfico 2, mostrado acima, temos um gráfico em formato de pizza, que nos traz informações de Igrejas Batistas com até 20 anos de organização, divididas por faixa de quantidade da membresia. Em primeiro lugar, representada pela fatia vermelha do gráfico, com 48% do total de membros, temos as igrejas com 40 a 100 membros. Em segundo lugar, na cor azul, temos as igrejas com menos de 40 membros com 32% do total. Em terceiro lugar, as igrejas com 101 a 200 membros, na cor amarela do gráfico, com 15% do total. Em quarto lugar, com 4% do total, estampado na cor verde do gráfico, igrejas de 201 a 450 membros. Em quinto lugar, igrejas de 451 a 800 membros, com 1% do total, pintado na cor laranja do gráfico. Não foi constatado igrejas com mais de 800 membros dentro dessa categoria. Igrejas com até 20 anos de organização contabilizam uma média geral de 76 membros.

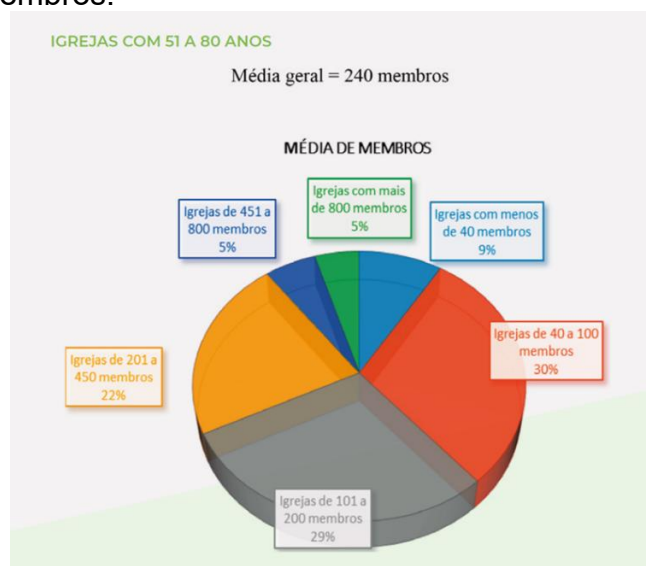
Gráfico 3 – Média de congregações ou plantações por igrejas com até 20 anos de organização.



Fonte: Convenção Batista Brasileira (censo 2023).

No gráfico 3, temos um gráfico de colunas que retrata a média de congregações ou plantações de igrejas, realizadas por Igrejas Batista que possuem até 20 anos de organização. Em primeiro lugar, a coluna de cor turquesa representa as igrejas com mais de 800 membros, que tem uma média de 4 congregações ou plantações de novas igrejas. Em segundo lugar, as igrejas de 451 a 800 membros, representada pela coluna laranja do gráfico possuem uma média de 3 congregações ou plantações de novas igrejas. Em terceiro lugar, na cor verde do gráfico, temos as igrejas de 201 a 450 membros, com a média de 2 congregações ou plantações de novas igrejas. Em quarto lugar, temos as igrejas de 101 a 200 membros, na cor amarela do gráfico, que possuem a média de 1 congregação ou plantação de uma nova igreja. As igrejas de 40 a 100 membros e as com menos de 40 membros não pontuaram nessa categoria.

Gráfico 4 - Igrejas Batistas no Brasil com 51 a 80 anos de organização, divididas em faixas por total de membros.

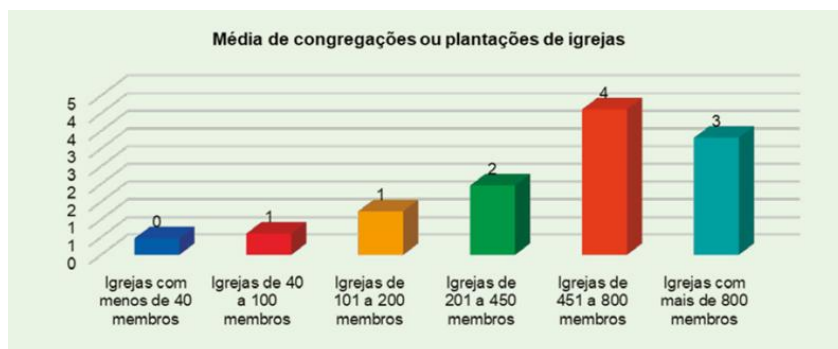


Fonte: Convenção Batista Brasileira (censo 2023).

No gráfico 4, impresso acima, temos um gráfico modelo pizza das Igrejas Batistas do Brasil que tem entre 51 e 80 anos de organização divididas pela faixa de membros. Em primeiro lugar, representada pela cor vermelha do gráfico, com 30%, temos as igrejas de 40 a 100 membros. Em segundo lugar, com 29% do total, estampado na cor cinza do gráfico, as igrejas de 101 a 200 membros. Em terceiro lugar, na cor laranja do gráfico, as igrejas de 201 a 450 membros com 22%. Em quarto lugar com 9%, representado na cor azul, as igrejas com menos de 40 membros. Em quinto lugar temos um empate,

ambas com 5% cada, temos as igrejas de 451 a 800 membros, representada na cor azul escura e as igrejas com mais de 800 membros na cor verde. Igrejas com 51 a 80 anos de organização contabilizam uma média geral de 240 membros.

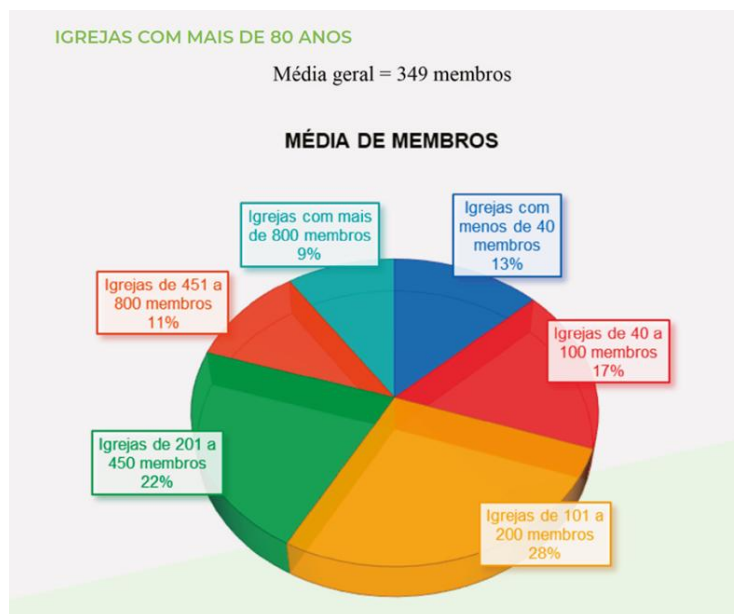
Gráfico 5 - Média de congregações ou plantações por igrejas com 51 a 80 anos de organização.



Fonte: Convenção Batista Brasileira (censo 2023).

No gráfico 5, temos um gráfico de colunas que retrata a média de congregações ou plantações de igrejas, realizadas por Igrejas Batista com 51 a 80 anos de organização. Em primeiro lugar, representada pela cor laranja no gráfico com uma média de 4 congregações ou plantação de novas igrejas, temos as igrejas de 451 a 800 membros. em segundo lugar, as igrejas com mais de 800 membros, impressa na cor turquesa do gráfico com uma média de 3 congregações ou plantação de novas igrejas. Em terceiro lugar, as igrejas de 201 a 450 membros, na cor verde do gráfico com uma média de 2 congregações ou plantação de novas igrejas. Em quarto lugar, empatadas com a média de 1 congregação ou plantação de novas igrejas, na cor vermelha do gráfico as igrejas com 40 a 100 membros e na cor amarela do gráfico, as igrejas de 101 a 200 membros. a igreja com menos de 40 membros não pontuaram.

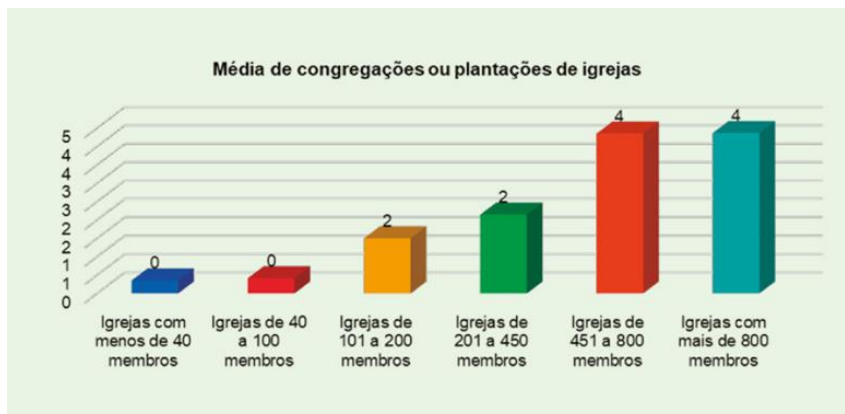
Gráfico 6 - Igrejas Batistas no Brasil com 51 a 80 anos de organização, divididas em faixas por total de membros.



Fonte: Convenção Batista Brasileira (censo 2023).

No gráfico 6, impresso acima, temos um gráfico modelo pizza das Igrejas Batistas do Brasil que tem mais de 80 anos de organização, divididas pela faixa de membros. Em primeiro lugar representada na cor amarela do gráfico, igrejas de 101 a 200 membros com 28% do total. Em segundo lugar com uma média de 22%, as igrejas de 201 a 450 membros, impressa na cor verde do gráfico. Em terceiro lugar, na cor vermelha do gráfico, com 17%, as igrejas de 40 a 100 membros. em quarto lugar, as igrejas com menos de 40 membros, com 13%, representada pela cor azul do gráfico. Em quinto lugar temos as igrejas de 451 a 800 membros, na cor laranja do gráfico, com 11%. Em sexto lugar, na cor turquesa, as igrejas com mais de 800 membros, com 9%. As igrejas com mais de 80 anos de organização contabilizam uma média geral de 349 membros.

Gráfico 7 – Média de congregações ou plantações por igrejas com mais de 80 anos de organização.



Fonte: Convenção Batista Brasileira (censo 2023).

No gráfico 7, temos um gráfico de colunas que retrata a média de congregações ou plantações de igrejas, realizadas por Igrejas Batista com mais de 80 anos de organização. Em primeiro lugar empatadas com média de 4 congregações ou plantações de novas igrejas temos igrejas de 451 a 800 membros, representada pela cor laranja do gráfico e igrejas com mais de 800 membros, na cor turquesa do gráfico. Em segundo lugar, também um empate com um média de 2 congregações ou plantações de novas igrejas, temos igrejas de 101 a 200 membros, na cor amarela do gráfico, e igrejas de 201 a 450 membros na cor verde do gráfico. Igreja com menos de 40 membros e com 40 a 100 membros não pontuaram nessa categoria.

Com isso, observamos alguns dados importantes das igrejas com até 20 anos de organização; 80% delas tem até 100 membros, sendo que desse total, 32% tem menos de 40 membros, e apesar disso, nessa faixa de quantidade de membros não conta nenhuma congregação ou plantação de uma nova igreja, segundo o censo realizado. Entre as igrejas com idade de organização entre 51 e 80 anos temos 9% com até 40 membros, dos quais também não apresenta nenhum trabalho com congregação ou plantação de uma nova igreja. Ainda nessa faixa de 51 a 80 anos, 30% das igrejas tem entre 41 e 100 membros, contabilizando a média de 1 congregação ou plantação de uma nova igreja.

Desse modo, observa-se que um grande número de igrejas batistas tem permanecido, por décadas, com uma membresia raquítica, o que evidencia uma deficiência na compreensão e na prática da missiologia no contexto da igreja local. Embora a história dos batistas no Brasil revele um forte compromisso com a evangelização e o discipulado, muitas igrejas tem, ao longo do tempo se inflado de programações internas, destinadas à própria membresia, e com isso reduzindo, consequentemente, o investimento em ações missionais. Essa realidade revela uma fragilidade teológica na compreensão da *missio Dei*, segundo a qual a igreja não existe apenas para promover sua expansão numérica, mas, para discernir a vontade de Deus, submeter-se aos Seus propósitos e participar ativamente da Sua missão no mundo. Isso implica reconhecer e viver a vocação para a qual Deus a estabeleceu no contexto em que foi plantada, testemunhando o evangelho de maneira fiel e relevante. Quando a igreja perde essa compreensão, sua práxis missionária torna-se limitada, contribuindo para o esfriamento espiritual da comunidade e comprometendo o cumprimento do Ide.

Por outro lado, uma igreja que compreende sua identidade missional, busca se alinhar aos propósitos de Deus, participando daquilo que Ele já está realizando em seu contexto e contribuindo para a manifestação do seu Reino.

Portanto, o problema não está na *missio Dei*, que permanece continuamente em ação na história, conduzindo o propósito redentor de Deus para o mundo. A dificuldade está na compreensão que muitas igrejas locais possuem acerca dessa missão e na forma como se relacionam com ela. Em vez de discernirem e participarem ativamente daquilo que Deus já está realizando, muitas comunidades acabam transferindo a atividade missionária a departamentos específicos, ou para agências missionárias, fenômeno que pode ser compreendido como uma “terceirização” da missão. Nessa perspectiva, a missão deixa de ocupar a centralidade da vida e da vocação da igreja local, comprometendo sua identidade missional e sua participação no cumprimento da *missio Dei*. A análise do Censo Batista evidencia que existe uma relação direta entre a compreensão da *missio Dei* e o compromisso missionário da igreja local. Igrejas que demonstram uma melhor compreensão, conseqüentemente se envolvem mais com a expansão do Reino, por meio do discipulado, compaixão e da plantação de novas igrejas, confirmando assim uma compreensão mais consistente de sua participação na missão de Deus. Por outro lado, igrejas que permanecem durante décadas sem crescimento significativo ou sem iniciativas de expansão missionária demonstram dificuldades em traduzir a ortodoxia missiológica em ortopraxia missionária. Nesse sentido, os dados do censo corroboram a hipótese desta pesquisa de que a correta compreensão da *missio Dei* conduz a uma igreja mais comprometida, participativa e engajada na missão de Deus.

3.2 A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA LOCAL

A compreensão da *missio Dei* por parte da igreja local, conduz à primazia missional. Se por causa da terceirização da missão evidencia uma compreensão reduzida da vocação da igreja local, conseqüentemente o entendimento de que Deus continua atuante em sua missão coloca a igreja local como participante ativa da missão. a *missio Dei* permanece sendo ação do Deus trino que envia sua igreja ao mundo (Mt

28. 18-20). A compreensão correta, ressignifica uma mudança na participação da igreja local por meio da evangelização, discipulado, compaixão e testemunho cristão.

A ação missionária não constitui um evento restrito ao período apostólico nem uma atividade que tenha perdido sua centralidade ao longo da história da igreja. A missão continua sendo o movimento soberano do Deus trino em direção ao mundo caído, chamando o homem ao arrependimento, reconciliando consigo todas as coisas em Cristo (Cl 1. 19-20) e conduzindo a criação ao cumprimento de seus propósitos eternos. Nesse sentido, a igreja participa de uma obra que pertence exclusivamente ao Deus trino e que permanece em pleno desenvolvimento até a consumação de todas as coisas. Vicedom afirma que:

Todavia, na crise atual Deus quer nos lembrar seriamente que a missão, embora seja também tudo isso, primordialmente é e continuará sendo de modo intrínseco Sua obra. Ela é obra de Deus que tem apenas um objetivo, qual seja, salvar as pessoas diante da perdição eterna. (VICEDOM, 1996, p.103).

Essa compreensão encontra sólido fundamento, para quem a missão da igreja é, simultaneamente, a *missio Dei* nos tempos atuais. Segundo o autor, Deus continua sendo aquele que envia, orienta, dirige e determina o curso da missão, enquanto a igreja permanece como instrumento mediante o qual essa missão se torna visível no mundo (VICEDOM, 1996). Tal perspectiva rompe com qualquer compreensão que atribua à igreja autonomia sobre a missão ou que reduza sua participação a iniciativas meramente institucionais. A missão continua pertencendo a Deus, e a igreja continua sendo enviada por Ele.

Nessa mesma perspectiva Bosch afirma que a igreja existe porque há uma missão divina em andamento. Para o autor, a missão não pode ser definida exclusivamente em termos eclesiológicos, pois ela antecede a própria existência da igreja. Deus já estava agindo redentoramente na história antes da constituição do povo da nova aliança e continuará conduzindo seus propósitos até a plena manifestação de seu Reino. Vejamos:

Não podemos mais volver à posição anterior em que a missão era periférica para a vida e o ser da igreja. É por causa de sua missão que a igreja foi eleita, por causa de sua vocação que ela se tornou “o povo do próprio Deus” (1Pe 2.9; cf. Linz 1964;33). A missão, por conseguinte, não se pode definir unicamente em termos da igreja – mesmo da igreja que é missão por sua própria natureza. A missão vai além da igreja. Illich está, pois, correto quando afirma que a missão constitui “a continuação social da encarnação”, “a alvorada social do ministério”, “a florescência social da Palavra em um presente sempre cambiante” (1974:5). Dizer que a igreja é, em essência, missionária não significa que a missão esteja centrada na igreja. Ela é *missio Dei*. E trinitária. Está mediando o amor de Deus Pai, que é pai/mãe de todas as pessoas, quem quer que sejam e onde quer que

estejam. Ela é epifania, a concretização da presença no mundo de Deus Filho (cf. AG 9). Está mediando a presença de Deus Espírito, que sopra onde quer, sem que saibamos de onde vem e para onde vai (Jo 3.8). A missão é “a expressão da vida do Espírito Santo, a quem não se impõem limites”. (BOSCH, 2021, p.589).

Quando se reconhece que Deus continua realizando sua missão, compreende-se igualmente que Ele continua enviando sua igreja. O envio registrado nas palavras de Cristo — “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21) — permanece vigente para toda a igreja. Não se trata de uma ordem limitada aos apóstolos nem de uma incumbência reservada a determinados vocacionados, mas da própria igreja. A comunidade reunida por Cristo é, ao mesmo tempo, uma comunidade enviada por Cristo. Sua vocação consiste em participar continuamente da missão reconciliadora do Deus trino.

Wright (2014) reforça essa compreensão ao afirmar que não é correto dizer simplesmente que Deus possui uma missão para a igreja; antes, Deus possui uma igreja para sua missão. Essa inversão de perspectiva revela que a igreja não define sua agenda missionária segundo interesses próprios, mas descobre sua identidade ao participar daquilo que Deus já está realizando na história. A missão permanece sendo divina em sua origem, propósito e direção. Consequentemente, toda igreja local é chamada a discernir onde Deus está agindo para unir-se obedientemente à sua obra.

Essa compreensão impede que a missão seja transferida integralmente às organizações missionárias. Ao longo da história, juntas missionárias e instituições especializadas prestaram significativa contribuição para a expansão do evangelho. Seu trabalho continua sendo relevante, contudo, tais organizações jamais receberam biblicamente a responsabilidade de substituir a igreja local como sujeito da missão. Sua existência deve ser compreendida como instrumento de apoio ao envio realizado pela igreja e nunca como substituição da responsabilidade eclesial.

Diante disso, torna-se evidente que a permanência da *missio Dei* implica necessariamente a permanência do envio da igreja. Deus continua chamando seu povo para participar de sua obra reconciliadora, utilizando a igreja local como instrumento ordinário de sua ação no mundo. Assim como o Pai enviou o Filho, e o Filho enviou seus discípulos, o Espírito continua impulsionando a igreja para participar da missão divina até que Cristo venha.

Portanto, a superação da terceirização da missão exige, antes de tudo, uma renovação da compreensão acerca da *missio Dei*. O problema contemporâneo não reside na ausência da missão de Deus, pois ela continua plenamente atuante na história. O verdadeiro desafio encontra-se na compreensão que muitas igrejas possuem acerca de sua própria identidade. Enquanto a missão for percebida como responsabilidade prioritária de agências missionárias ou de alguns vocacionados, a igreja permanecerá distante de sua vocação bíblica. Entretanto, quando reconhece que Deus continua enviando seu povo e que a igreja local permanece como instrumento ordinário de sua ação redentora, recupera seu protagonismo missionário e passa a viver de maneira coerente com sua identidade em Cristo, participando ativamente da expansão do Reino de Deus.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propõe refletir acerca da *missio Dei* e o compromisso da igreja local, entendendo que a compreensão da missão de Deus é indispensável para um realinhamento de rota na práxis da igreja local. Com a presente pesquisa, foi possível compreender que várias igrejas, embora já com longa caminhada com Cristo, possuem elevada dificuldade no tocante ao crescimento da membresia, devido à prática missional resumida em campanhas de arrecadação financeira para envio a agências missionárias, ficando o labor missional intencional com a comunidade em segundo plano, com o investimento de tempo maior em atividades eclesiais internas.

Este trabalho não se propõe a diminuir ou menosprezar o trabalho das agências missionárias, pelo contrário, o intuito é gerar uma reflexão para que as agências tenham forças somadas junto à igreja local no labor missional para a expansão do reino. Nesse sentido, esta pesquisa demonstrou que a *missio Dei*, a prática missionária não deve ser terceirizada nem tão pouco compreendida como uma atividade secundária da igreja local, mais como parte central, essencial de sua própria natureza. A igreja existe com o único propósito de participar da *missio Dei*, anunciando o evangelho, discipulando e testemunhando o amor gracioso de Jesus Cristo neste mundo. Se faz necessário o resgate da tradição Batista da prática missionária outrora vivida, capaz de unir ortodoxia e ortopraxia em direção à expansão do reino do Senhor nessa terra.

Por fim, o intuito desse trabalho é trazer uma reflexão acerca da responsabilidade missional da igreja local e de cada membro q dela faz parte, além de incentivar a liderança a desenvolver uma atuação mais comprometida com o Ide de Cristo diante dos desafios contemporâneos da missão cristã.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BEEKE, Joel R. **teologia Puritana**: uma doutrina para vida. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: 4ª ed. Editora Cultura Cristã. 2012.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. **João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada**. 3. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís M. Sander. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2021.

BRUNNER, Emil. **Romanos**. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 11ªed. São Paulo: Hagnos, 2013.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Hagnos, 2003.

CHESTER, Tim. **Conhecendo o Deus Trino**: Porque Pai, Filho e Espírito Santo São Boas Novas. Organização de Tiago J. Santos Filho. Tradução de Elizabeth Gomes. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2016.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Censo Batista 2023**. Rio de Janeiro: CBB, 2024.

COOPER, T. **The Digital Evangelicals**: Contesting Authority and Authenticity After the New Media Turn. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2022.

ERICKSON, Millard. **Teologia sistemática**. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Ebenézer Soares(org.). **Comentários à declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2025.

_____. **Manual da Igreja e do obreiro**. 8ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: Uma Análise Histórica, Bíblica e Apologética para o Contexto Atual**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GISEL, Pierre (org.). **Enciclopédia do Protestantismo: Teologia, Ecclesiologia, Filosofia, História, Cultura, Sociedade, Política**. Assistência editorial de Lucie Kaennel. Tradução de Norma Cristina G. Braga Venâncio. São Paulo: Hagnos, 2016.

GONZÁLEZ, Justo. **Breve dicionário de teologia**. tradução Silvana Perrella Brito. São Paulo: Hagnos, 2009.

HAHN, Scott. **Scripture Matters: Essays on Reading the Bible from the Heart of the Church**. Steubenville, OH: Emmaus Road Publishing, 2003.

HARROWER, Scott. **God of All Comfort: A Trinitarian Response to the Horrors of This World**. Studies in Historical and Systematic Theology. Bellingham, WA: Lexham Press, 2019.

MCCUNE, Rolland. **Promise Unfulfilled: The Failed Strategy of Modern Evangelicalism**. Greenville, SC: Ambassador International, 2004. p. 90–91.

MONDIN, Battista. **Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

NOVENSON, Matthew V. In: GURTNER, Daniel M.; STUCKENBRUCK, Loren T. (org.). **T&T Clark Encyclopedia of Second Temple Judaism**. London; New York; Oxford; New Delhi; Sydney: T&T Clark, 2020. v. 2.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Traduzido por Walter O. Schlupp. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2021.

O breve catecismo de Westminster / Assembleia de Westminster. – São Paulo: Cultura Cristã, 2021.

Pacto e comunhão: documentos batistas / organização de Sócrates Oliveira de Souza. - Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

RAMOS, Robson; FUCHS, Hans Udo (org.). **A nova face da missão**. Londrina: Descoberta, 2024.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Dicionário do pluralismo religioso**. São Paulo: Recriar, 2020.

RYRIE, Charles Caldwell. **Teologia básica**: um guia sistemático popular para entender a verdade bíblica/ Charles Calwell Ryrie; traduzido por Jarbas Aragão. — São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

SAARINEN, R. **Conselho Mundial de Igrejas**. In: DYRNESS, William A.; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti; MARTINEZ, Juan Carlos (org.). Uma Obra de Referência para a Igreja em Todo Mundo: Dicionário Global de Teologia. Tradução de Lucy Yamakami et al. São Paulo: Hagnos, 2017.

SPROUL, R.C. **Somos todos teólogos**: uma introdução à teologia sistemática. Tradução de Francisco Welligton Ferreira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

STEUERNAGEL, Valdir (ed.). **O Deus da Justiça e a Justiça de Deus**. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes e Hans Udo Fuchs. Viçosa, MG: Ultimato, 2020.

STOTT, John R. W. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

VICEDOM, Georg. **A missão como obra de Deus**: introdução a uma teologia da missão. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. Tradução de Daniel Hubert Kroker e Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ZILLES, Urbano. **Antropologia teológica**. São Paulo: Paulus, 2011.